



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS
NÍVEL MESTRADO

KAREN FERNANDA PINTO DE LIMA COSTA

LEITURA DA LITERATURA:
OS LIMITES E OS NOVOS HORIZONTES EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 6º E 7º ANOS

RIO BRANCO

2015

Karen Fernanda Pinto de Lima Costa

LEITURA DA LITERATURA:

Os Limites e os Novos Horizontes em Livros Didáticos de Língua Portuguesa do 6º e 7º Anos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Área de Concentração: Linha 1 – Teorias da Linguagem e Ensino

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes.

Rio Branco

2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

C8371 Costa, Karen Fernanda Pinto de Lima, 1977-

Leitura da literatura: os limites e os novos horizontes em livros didáticos de língua portuguesa do 6º e 7º anos / Karen Fernanda Pinto de Lima. – 2015.

71 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Mestrado Profissional em Letras, 2015.

Inclui referências bibliográficas.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes.

1. Livro didático. 2. Língua portuguesa. 3. Ensino. I. Título.

CDD: 410

Bibliotecária: Maria do Socorro de Oliveira Cordeiro CRB 11/667

Karen Fernanda Pinto de Lima Costa

LEITURA DA LITERATURA:

Os Limites e os Novos Horizontes em Livros Didáticos de Língua Portuguesa do 6º e 7º Anos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Aprovada em 13 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Margarete Edul Prado de Souza Lopes – Orientadora – Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof.^a Dr.^a Cíntia Carla Moreira Schwantes – Membro Externo – Universidade de Brasília – UnB

Prof.^a Dr.^a Gisela Maria de Lima Braga Penha – Membro Interno – Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof.^o. Dr. João Carlos Ribeiro de Souza – Suplente – Universidade Federal do Acre – UFAC

Dedico esta dissertação, ao meu Deus, que me proporcionou a vida, a esperança, os sonhos, as promessas e a realização de mais essa conquista.

AGRADECIMENTOS

- A Deus por me amparar em todos os momentos, principalmente os mais difíceis, me dar força interior para superar as dificuldades, mostrar o caminho, suprir todas as minhas necessidades e por tudo que fui, sou e ainda serei.
- À Universidade Federal do Acre e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na pessoa da Professora Doutora Lindinalva Messias do Nascimento Chaves, Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras.
- Aos Professores Doutores do Mestrado Profissional em Letras, pelo vasto conhecimento repassado e pelo grande aprendizado.
- Aos meus colegas do Mestrado Profissional em Letras pelos momentos de apoio, consideração, respeito e momentos compartilhados de angústia e alegria.
- À minha orientadora Professora Doutora Margarete Edul Prado de Souza Lopes, por acreditar em mim, me mostrar o caminho da ciência, pelos conselhos, pela paciência, pela confiança, pelo estímulo, por estar presente em todos os momentos e por fazer parte da minha vida.
- Às Professoras Doutoras Cíntia Carla Moreira Schwantes e Gisela Maria de Lima Braga Penha e ao Professor Doutor João Carlos Ribeiro de Souza agradeço a cortesia em aceitarem integrar a banca de exame desta dissertação.
- Aos meus pais, Mário Evangelista de Lima e Iete Pinto de Lima (*in memoriam*) minhas bases, simplesmente por terem me feito existir, por tanto amor, por tudo o que sou, por terem me proporcionado educação e amor pelos estudos.
- À minha tia-avó Mariusa Pinto de Souza (*in memoriam*) pelo grande exemplo de mulher, mãe e profissional que foi não só para mim, mas para a toda família e amigos, pelo grande incentivo, garra e perseverança.
- À minha prima, grande amiga e professora Rosana Maria de Souza Macêdo, por ter me ajudado em todos os momentos, por seus conselhos, pelo suporte, por seus conhecimentos e por ter me ensinado o valor e a importância desta extraordinária profissão.

- Ao meu esposo, Regileno da Silva Costa, me fazendo acreditar que posso mais que imagino, pelas orações, pelo carinho, paciência e incentivo.
- Aos meus filhos, Iete Louise de Lima Sánchez e Iago Lucas de Lima Costa, por compreenderem minhas ausências, por serem meu grande incentivo e me inspiram a querer ser mais que fui até hoje!
- À minha prima Alessandra Macêdo de Araújo pelo grande suporte dado.
- À minha irmã, Kelen Christini Pinto de Lima, pela torcida e incentivo.
- À minha amiga Janaína Ribeiro Rodrigues pela grande força e apoio.
- Ao meu pastor José Nonato, sua esposa Maria Rocilene e aos meus irmãos em Cristo pelas infinitas orações e pelo grande apoio espiritual.
- Enfim, agradeço a todos os meus familiares e amigos que contribuíram direta ou indiretamente em diversos momentos deste trabalho.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

Fernando Pessoa

COSTA, Karen Fernanda Pinto de Lima. *Leitura da Literatura: Os Limites e os Novos Horizontes em Livros Didáticos de Língua Portuguesa do 6º e 7º Anos*. 2015. 71f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2015.

RESUMO

Nesta dissertação, o enfoque foi analisar, criar e desenvolver uma proposta de intervenção para diminuir as dificuldades na leitura da literatura nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º ano e 7º ano do Ensino Fundamental, adotando como instrumento de análise as teorias sobre a leitura de textos literários. Para isso foram utilizados os seguintes teóricos Terry Eagleton, Frank Smith, Magda Soares, Isabel Solé, Mary Kato, Luciano Amaral Oliveira, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Narjara Ferrari e Waldomiro Vergueiro, entre outros. Também foram utilizados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A pesquisa foi feita considerando a literatura como instrumento de formação de leitores críticos, em dois livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Fundamental das Séries Finais - Português: Linguagens PNLD 2002 da antiga 6ª série, atualmente 7º ano dos autores: William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; - Projeto Teláris Português PNLD 2014, 2015, 2016, do 6º ano das autoras: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. Os dois livros didáticos selecionados retratam o modo como a literatura serve de pretexto para o estudo da análise sintática. Durante esses últimos doze anos, de 2002 a 2014, não foi encontrado um estudo sistemático da literatura ou um ensino da definição de literatura ou da teoria da narrativa e da lírica nos livros didáticos. Raramente qualquer aspecto da teoria literária é abordado ou discutido. A observação é realizada a partir da engenhosidade na seleção dos textos, mas falta criatividade, senso crítico nas propostas de trabalho com a literatura brasileira; e por isso a leitura da literatura tem sido negligenciada. Percebe-se que a escola continua sendo um espaço restrito e limitado para os alunos. Sendo assim, como sugestão de melhorar a leitura da literatura em sala de aula, foi criada e desenvolvida a proposta de um *blog* aliando-a ao gênero textual histórias em quadrinhos, duas ferramentas tão utilizadas no cotidiano dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir com o ensino da literatura para professores e a aprendizagem para os alunos.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Leitura literária brasileira. Livro didático. Histórias em quadrinhos. *Blog*.

COSTA, Karen Fernanda Pinto de Lima. *Literatura Lectura: Los Límites y Nuevos Horizontes en los Libros de Texto del Portugués el 6 y 7 Años*. 2015. 71f. Disertación (Maestro en Letras) - Maestría Profesional Programa en Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2015.

RESUMEN

En esta tesis, el foco fue analizar, crear y desarrollar una propuesta de intervención para reducir las dificultades en la lectura y la literatura en los libros de texto de Lengua Portuguesa 6 y 7 años de la escuela primaria, la adopción como una herramienta teorías analíticas en la lectura de textos literarios, por lo que se utilizaron los siguientes teórico Terry Eagleton, Frank Smith, Magda Soares, Isabel Solé, Mary Kato, Luciano Amaral Oliveira, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Narjara Ferrari y Waldomiro Vergueiro, entre otros. También se utilizaron los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN). La búsqueda se llevó a cabo teniendo en cuenta la literatura como herramienta de formación de lectores críticos, en dos libros de texto de la lengua portuguesa para la enseñanza de la escuela primaria de las series finales - Portugués: PNLD 2002 el antiguo sexto grado, actualmente séptimo grado de los autores: William Roberto Cereja y Thereza Cochar Magalhães; - Proyecto TELARIS Portugués PNLD 2014, 2015, 2016, el sexto año de los autores: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin y Vera Marchezi. Los dos libros de texto seleccionados retratan cómo la literatura sirve como pretexto para el estudio de análisis. Durante estos últimos doce años, de 2002 a 2014, aún no se encontró un estudio sistemático de definición de la literatura o la enseñanza de la literatura o de la teoría de la narrativa y la lírica en los libros de texto. Raramente cualquier aspecto de la teoría literaria se dirige o es discutido. La observación se realiza desde el ingenio en la selección de textos, pero carecen de la creatividad, el sentido crítico, en propuestas de trabajo con la literatura brasileña y de cómo la lectura de la literatura ha sido descuidada. Se da cuenta de que la escuela sigue siendo un espacio restringido y limitado para los estudiantes. Por lo tanto, como una sugerencia para mejorar la lectura de la literatura en el aula, se creó y desarrolló una propuesta para un *blog* que combina con los cómics, dos herramientas que se utiliza en la vida cotidiana de los estudiantes del sexto año de la escuela primaria, con el objetivo de contribuir a la enseñanza de la literatura para los profesores y el aprendizaje de los estudiantes.

Palabras clave: La escuela primaria. Lectura literaria brasileña. Libro de Texto. Comics. *Blog*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Livro didático Português: Linguagens	34
FIGURA 2 - Livro didático Projeto Teláris	36
FIGURA 3 - O texto do livro didático “A menina e as balas” em quadrinhos	51
FIGURA 4 - O <i>blog</i> ProfKarenaLiteratura.....	54
FIGURA 5 - O conto em quadrinhos.....	58
FIGURA 6 - Questões das histórias em quadrinhos – Atividade 1	59
FIGURA 7 - Princípio 9 da Declaração dos Direitos da Criança da ONU – Atividade 2.....	60
FIGURA 8 - Aprendendo literatura no <i>blog</i> - Atividade 3	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Leitura e Literatura na Escola	16
2.2 O Tradicional e o Atual Ensino de Literatura no Brasil no Ensino Fundamental das Séries Finais	25
2.3 A Educação e as Novas TIC's: Elementos que se Reconstroem.....	26
2.4 As Histórias em Quadrinhos.....	28
2.5 A Leitura da Literatura e sua Análise no Livro Didático de Língua Portuguesa do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental	30
3 METODOLOGIA.....	41
4 UMA ABORDAGEM SIGNIFICATIVA DO TEXTO LITERÁRIO.....	46
4.1 Apresentação do Texto do Livro Didático.....	48
4.2 A Ideia do Gênero Histórias em Quadrinhos.....	49
4.3 A Ideia e a Criação do <i>Blog</i>	52
4.4 O <i>Blog</i> e as Histórias em Quadrinhos.....	55
4.5 Sequência Didática	62
5 ANÁLISE DE DADOS.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXO - VÍDEO EM DVD DE UTILIZAÇÃO DO <i>BLOG</i> COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	

1 INTRODUÇÃO

A relevância da realização desse trabalho se justifica pela inquietude e curiosidade de verificar a negligência como é tratada a literatura e sua leitura nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental das Séries Finais. Há uma complexidade de ações bem significativas, em torno da literatura. Observa-se que os livros didáticos apresentam textos literários, mas a abordagem e análise desses textos são superficiais, não levando o aluno a refletir, a questionar e relacionar os textos estudados com sua realidade.

Outra circunstância que merece estudo e pesquisa se baseia no fato de que, também, muitos professores sentem dificuldade em trabalhá-los, talvez porque não têm preparação acadêmica suficiente, ou porque não cultivam o hábito de ler periódica ou cotidianamente, e consideram perda de tempo o estudo da literatura, dando importância ao que se pode extrair do texto analisado enfatizando somente a gramática e apoiam-se somente nos textos literários do livro didático ou em obras resumidas, limitando a capacidade de ler e interpretar dos alunos, contribuindo assim, cada vez mais, para a desvalorização da literatura.

Essa situação é muito preocupante porque o modo como a leitura da literatura é abordada e colocada pelos livros didáticos, através das atividades propostas e o desinteresse dos professores pela leitura e pela literatura, refletem automaticamente nos alunos, de maneira negativa. Foi selecionada uma metodologia e quais materiais seriam utilizados por esses professores, além do livro didático, que abordassem a literatura e fizessem uma leitura da mesma bem superficial.

Destarte, o tratamento dado aos textos literários nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental do 6º e 7º anos foi analisado através das atividades propostas, estudo das classificações e como a literatura é realmente trabalhada em sala de aula. Compreendendo a importância e a relação que a literatura tem com as outras áreas, e principalmente, o meio em que o aluno está inserido, buscou-se responder quais os reflexos disso para a sua vida. Qual seria o prazer que eles teriam em ler, analisar, compreender os textos literários, e relacionar esse conteúdo com o seu mundo?

Ao constatar a forma como a leitura da literatura tem sido desenvolvida nas escolas, através dos livros didáticos, foi possível verificar como essa prática está sendo descuidada. Do ensino fundamental ao ensino médio percebemos a forma inadequada como a literatura está sendo trabalhada, neste último ensino, porquanto o que se observa é uma tendência forte para trabalhar as aulas de literatura somente com a exploração de dados biográficos de escritores,

bem como períodos literários, sem, contudo, promover um estímulo para a formação de leitores autônomos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (1997, p. 40), defendem que "o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura". No entanto, nenhum comentário foi encontrado em relação à leitura literária.

Nessa pesquisa, buscou-se apresentar a análise descritiva da leitura da literatura proposta por dois livros didáticos de língua portuguesa do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental - *Português: Linguagens* PNLD 2002 da antiga 6ª série, atualmente 7º ano dos autores: William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; - *Projeto Teláris Português* PNLD 2014, 2015, 2016 do 6º ano das autoras: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. O primeiro, utilizado há doze anos, em 2002; e o outro, utilizado em 2014. A primeira preocupação foi verificar se há diferenças relevantes entre ambos ou se houve mudanças significativas durante esses últimos doze anos de 2002 a 2014 em relação ao objetivo e propostas de atividades. Em conjunto, também será oportuno averiguar como os textos literários dialogam com as demais áreas, artes, história, música e como é direcionado ao ensino de línguas, no caso o de Língua Portuguesa.

Inicialmente, partiu-se de uma abordagem teórica, sobre leitura e literatura na escola considerando como é aplicada a leitura da literatura nos livros didáticos, como os textos literários são trabalhados nos livros didáticos, seu papel na formação do leitor e a relação com a Língua Portuguesa; um paralelo entre o tradicional e o atual ensino de literatura no Brasil no ensino fundamental das séries finais; a relação da educação e as novas TIC's; e as histórias em quadrinhos.

Logo em seguida, apresentou-se uma análise dos dois livros didáticos selecionados como objeto de estudo, como corpus do trabalho, com o registro e análise das diferenças e mudanças mais relevantes, durante esses últimos doze anos, de 2002 a 2014, em relação ao objetivo das aulas de literatura, propostas de atividades, conteúdos apresentados, estudos dirigidos e avaliações constantes em ambos os livros. Bem como, será observado como a literatura se relaciona com as outras áreas de conhecimento.

Após, pretende-se discutir tudo o que foi observado nos livros didáticos, buscando estratégias, propostas de mudanças, e suprimindo as necessidades que vem se perpetuando ao longo desses anos. Demonstrar como a literatura é vista e tratada nos livros didáticos no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, bem como, demonstrar que a literatura é banalizada e

marginalizada, pelas propostas e abordagens apresentadas nos referidos livros e pensar novas propostas de trabalhar as aulas de literatura.

Os textos adotados pelos livros didáticos são de tal natureza que não incentivam o aluno a fazer suas próprias reflexões, analisar, questionar, criticar, expondo suas ideias e opiniões. A partir desses problemas, novas alternativas serão sugeridas, como também novas estratégias reformulando, de início, pelo menos, em parte, propostas de atividades realmente voltadas para a exploração do texto literário, incentivando o aluno a relacionar o que tem aprendido na literatura com os seus conhecimentos prévios e os que ainda serão construídos.

Considerando tudo o que já foi exposto até o momento, o principal objetivo foi evidenciar que existem vários recursos, com o apoio da tecnologia, para melhorar o domínio da leitura e da escrita em sala de aula. Para tanto, foram aliadas as tecnologias digitais ao gênero textual histórias em quadrinhos, gênero este que os educandos apreciam mais e utilizam bastante em seu cotidiano. A proposta apresentada nesta dissertação foi desenvolvida, de início, em uma turma de 40 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola de Rio Branco, capital do Estado do Acre, uma vez que foi detectado que os estudantes do 6º ano utilizam muito a tecnologia, todos têm celulares, e eles precisam adquirir competência para diversas situações e práticas de interações as quais emergem de atuações sociais, por eles vivenciados.

Há uma cobrança do MEC para as escolas básicas, de constante melhoria das habilidades de leitura e interpretação de textos em sala de aula, para que os alunos sejam competentes em suas futuras atuações sociais. Entretanto, percebeu-se a influência dos meios digitais e das histórias em quadrinhos no dia a dia desses alunos, configurando um novo estilo e provocando novas situações de ensino, contribuindo para o processamento de informações que se adaptam ao desenvolvimento da leitura e da escrita, para que os alunos submerjam em novas pesquisas e utilizem os recursos digitais também na escola.

Além disso, a literatura oferece inúmeras possibilidades de leitura e questionamentos, ao mesmo tempo, promove a formação cultural de qualquer pessoa, basta dispor-se, envolver-se e sensibilizar-se através do texto, e a consequência será de uma postura crítica em relação ao mundo. Como diz Jacinto do Prado Coelho (1976):

[...] Não há, suponho, disciplina mais formativa que a do ensino da literatura [...] Saber idiomático, experiência prática e vital, sensibilidade, gosto, capacidade de ver, fantasia, espírito crítico – a tudo isto faz apelo a obra literária, tudo isto o seu estudo mobiliza. [...] A literatura não se fez para ensinar: é a reflexão sobre a literatura que nos ensina. (COELHO, 1976, p. 46.).

O aluno precisa ser e sentir-se estimulado, a partir de um objetivo específico, somente assim ele entenderá, sensibilizar-se-á e construirá um senso crítico e apurado, desenvolvendo habilidades de argumentação. Assim, justifica-se a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e das Histórias em Quadrinhos (HQ's) pelos alunos, seja dentro ou fora da escola. O conhecimento que eles possuem em computadores, internet, jogos eletrônicos, celulares, e também em HQ's é impressionante. No entanto, o professor precisa ter essa percepção e direcioná-los de maneira adequada, para que brotem novas habilidades e saberes, novas formas de ensinar e aprender através dos contextos digitais, incorporando-os ao ensino e à aprendizagem na construção de algo que possa fazer diferença em sua vida. O *blog*, que é uma Tecnologia de Informação e Comunicação, e que será apresentado e trabalhado nessa proposta, em consonância com as HQ's podem possibilitar um ensino mais dinâmico e inovador, que acarretará em um resultado muito mais satisfatório para alunos e professores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Leitura e Literatura na Escola

A leitura vai além de textos compostos por palavras e frases. Ler é expressar-se, interpretar uma imagem, um quadro, podemos até “ler” um filme no cinema e fazer dele uma leitura literária, bem como precisa-se da leitura para relacionar-se com outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo. Abrindo horizontes e desbravando o desconhecido.

Quando criança, o indivíduo começa a aprender a ler por meio de um alfabeto, identificando caracteres e obedecendo a regras de relações entre consoantes e vogais, e assim, estabelecendo uma conexão entre as letras, formando sílabas, palavras e frases. Contudo, desde a infância, a pessoa precisa mais que uma simples decodificação de sinais gráficos, mais que alfabetizar, todos temos que ser letrados. “No entanto, o que vemos acontecer é que a escola espera do aprendiz não um desenvolvimento gradativo, mas um comportamento de letrado, desde o início de seu processo de letramento” (KATO, 2005, p.32).

Para entender essa mudança, e perceber a construção do conhecimento, através das palavras, e não somente delas, mas das situações, da compreensão da realidade e de suas interpretações, faz-se necessária a aquisição de uma visão ampla de conhecimento, reflexão de tudo o que nos cerca, mantendo contato com o mundo externo e entendendo melhor as transformações que ocorrem no dia a dia, tornando-se assim, o aluno em um cidadão mais consciente e crítico. “[...] é importante aprender a ler, porque a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão a novos graus do ensino e da sociedade; configura-se, assim, como o patamar de uma trajetória bem-sucedida, [...]” (ZILBERMAN; SILVA, 2005, p.14).

Assim, a leitura é primordial na vida do indivíduo, tornando-o apto à inserção na sociedade, sujeito das suas práticas educativas e sociais, possibilitando-lhe conhecimento em diversas áreas, transformação, liberdade de expressão, e assim, desenvolvendo o bom senso para todas as questões. Como afirma Magda Soares (2005, p. 18), “enunciação é, portanto, processo de natureza social, não individual, vinculado às condições de comunicação que, por sua vez, vinculam-se às estruturas sociais – o social determinando a leitura e constituindo seu significado”.

Ler não é sentir-se sozinho, existe um diálogo entre leitor, indivíduos, estrutura social, autor e suas relações com o mundo e com os outros, ler é um ato coletivo. Desta mesma forma, os professores devem trabalhar em sala de aula, obtendo as condições necessárias para a leitura e estímulo aos alunos para a elaboração e reelaboração dos textos de qualquer

natureza, ressaltando o ponto de vista dos estudantes, para que eles possam ir tornando-se independentes e com caráter questionador, analisando sempre o que está a sua volta.

Através da leitura, os educadores formam leitores que tenham realmente o prazer e a necessidade de ler. O desafio é formar leitores que queiram ler cada vez mais e percebendo a importância da leitura para sua vida, familiarizados com a língua escrita, compreendendo todo o tipo de texto. Entretanto, a leitura, exatamente por ser também uma prática social, muitas vezes, não é realizada por prazer, o indivíduo a faz por pura necessidade de conseguir status através de um diploma que lhe garanta emprego e sustento, pois:

[...] pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário a sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (SOARES, 2005, p. 21).

Como mencionado acima, a autora afirma sobre pesquisas que apontam que as classes dominantes percebem a leitura como ampliação de horizontes, fruição, prazer. Enquanto que as classes dominadas a consideram como instrumento necessário à sobrevivência cotidiana, acesso ao mundo do trabalho, instrumento de luta contra suas condições de vida e visando melhores condições de vida. Nessa perspectiva, o indivíduo poderá informar-se sobre qualquer tipo de acontecimento, através de jornais ou revistas, folhetos, comunicados. Também terá condições de ler uma bula de remédio, instruções da montagem de algum equipamento que ele adquiriu, ademais, através dela, a leitura, conjuntamente ou posteriormente, ocorre o processo de aquisição da escrita.

É através da escrita, também, que o estudante realizará com melhor eficácia o processo de comunicação, escrevendo um simples bilhete, uma carta, respondendo formulários, elaborando uma notícia de jornal ou elaborando outros tipos de textos, que atendam às suas necessidades reais, valores e intenções. Cada aluno necessita viver, segundo Soares (2004, p. 24), “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais”.

É relevante sempre destacar a importância da leitura na formação social do indivíduo, como sujeito participativo e crítico, agindo conscientemente, exercendo sua cidadania, reconhecendo seus deveres e lutando por seus direitos. No entanto, muitas vezes, acontece o oposto. Em sala de aula, podem ser vistos alunos desmotivados para ler, compreender, interpretar, questionar e se posicionar diante das adversidades de sua vida pessoal, educativa e social. Muitos professores se limitam a praticar atividades de leitura superficiais, respondendo

a questionários imensos, sem que o aluno possa discutir ou questionar e ainda, muitas vezes, o estudante tem que concordar com a leitura que o professor faz do texto.

É na sala de aula que muitas crianças em geral, carentes, de periferia têm o primeiro contato com o lápis, o caderno, o livro, o primeiro contato com a leitura e com os textos literários. Portanto, é nesse ambiente que o professor tem que estimular a leitura, criando situações para que as crianças adquiram o gosto em ler. Soares (2005, p. 26) afirma que, “a leitura não é aceitação passiva, e sim, ativa, visto que o texto somente existe quando é lido, na troca leitor/autor, na troca entre leitores, no debate com e sobre o livro”. É um espaço de identificação, interação, produção e discurso.

A leitura espontânea acontece raramente, visto que, muitas vezes, a leitura é obrigatória, a leitura é realizada apenas com a finalidade de resolver exercícios. Por isso, nas mais diversas situações, a leitura escolar não é prazerosa, não é aquela leitura apaixonante, emocionante, divertida. É frequentemente sofrida, não é aquela leitura em que nos sentimos parte da história. Quando a leitura não puder se tornar algo aprazível, pessoal, estimulante, os textos se tornarão insignificantes e cada vez mais distantes do aluno, não havendo a relação de identificação leitor e texto, visto que o aluno não conseguirá estabelecer um elo entre o texto e sua própria história de vida, não poderá se identificar com a matéria lida.

Assim, tem-se observado que a boa leitura tem objetivos específicos e finalidades pré-estabelecidas em sala de aula, metas e necessidades, que vão levando a um caminho, a uma direção. A verdadeira leitura exige sensibilidade, entendimento, interpretação e transformação, tornando leitores em sujeitos ativos, comunicando-se expressivamente, interagindo, mediando, relacionando outras histórias com sua própria história.

Frank Smith (1989, p. 21) levanta um questionamento: “O entendimento ou compreensão, é à base da leitura e do aprendizado desta. A que serve qualquer atividade, se a esta faltar a compreensão?”. Se o indivíduo não puder entender nada através da leitura que fizer das coisas, dos textos, e de tudo que o rodeia, se ele não puder compreender o que aconteceria? Na realidade, talvez não fosse possível estabelecer relações, significados, verificar o que nos é relevante ou não. Assim, na interação, não haveria relação com o mundo e não haveria mudanças significativas, de pensamentos, atitudes, comportamento e tudo tornar-se-ia sem sentido.

Na escola, com frequência, os alunos quantos mais novos são mais gostam de ler livros bem ilustrados, coloridos e recheados de imagens. Em relação a essa dificuldade, Smith (1989, p. 86) pondera que “a leitura sempre envolve uma combinação de informação visual e não visual. Ela é uma interação entre leitor e o texto”. Portanto, os professores devem motivar

os alunos para perceberem a interação com a vida e o mundo que podem fazer através da leitura. “Quanto mais informações não visuais um leitor possui, menos informação visual necessita” (SMITH, 1989, p. 86). Assim, os alunos vão se acostumando a ler livros com menos ilustrações, quanto mais informações vão acumulando sobre conhecimentos gerais, culturais e literários.

Outra dificuldade encontrada nas aulas de literatura consiste em que os alunos consideram a leitura algo difícil. Smith (1989, p. 87) avalia essa “leitura difícil”, ele afirma que não depende da capacidade real que a criança tenha para a leitura. Na realidade, o que ocorre é que as crianças poderão ter pouca informação não visual, ou seja, a criança não tem as imagens e o contexto necessário para que consiga entender o que foi lido. Com isso, o aluno argumenta que não sabe ler e não gosta de ler. Smith (1989, p. 104) arremata que “sempre que os leitores deixam de extrair sentido daquilo que recebem para ler – porque o material não possui relevância para com o conhecimento anterior que podem possuir – a leitura torna-se mais difícil e o aprendizado da leitura impossível”, sugerindo que as crianças precisam ler textos, nos anos iniciais, com os quais elas possam se identificar, nos quais elas encontrem familiaridades com seu cotidiano.

Isabel Solé (1998, p. 22) reflete que a interpretação da leitura depende em grande parte do objetivo da nossa leitura. Ela ainda acrescenta: “os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e a compreender”. Objetivos aqui devem ser compreendidos como a utilidade da leitura, qual a serventia que o ato de ler pode fornecer às crianças. Os professores devem ensinar para seus alunos que sabendo ler, o aluno poderá ler os rótulos dos produtos no supermercado, os cartazes do cinema, no shopping; os outdoors nas ruas, os nomes das lojas, etc. O mundo, a vida, a cidade terão outros encantos.

Quanto à literatura, “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. (BARTHES, 2013, p. 18-19). Tudo procede da literatura, visto que ela acumula todos os saberes. “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (BARTHES, 2013, p. 19). Caberia muito mais falar em literatura em uma discussão, em um aprofundamento sobre o assunto. Em algumas situações, segundo Terry Eagleton (2003, p. 2), “a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana”. Na realidade, ela transforma a linguagem comum em uma linguagem própria e particular, geralmente na poesia, de vez em quando no conto, porém raramente no romance,

há muitos trechos em um romance que estão em linguagem comum. Entretanto, aqui nos interessa a literatura que cria sua própria linguagem:

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosóficos, sociológicos ou psicológicos porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (COMPAGNON, 2012, p.64.).

Tanto Terry Eagleton quanto Antoine Compagnon escreveram manuais de Teoria Literária, de ensinamentos básicos do universo da literatura e suas características. Ambos concordam em um ponto: a literatura é sensibilidade, inquietação, transgressão, criação, liberdade, atitude e poder. Ela pode produzir novos sentidos, oportunizar aos leitores a pluralidade de significados, da reflexão, do questionamento, da criticidade. Cada leitor pode aprender a pensar com a própria cabeça, sem imposições, sem modelos prontos, sem ideologias pré-estabelecidas pelos mecanismos de controle de uma sociedade.

Através da literatura, enfatizando a questão social, é possível dar voz aos marginalizados. Ela abre as portas aos que viviam no anonimato, justamente pelo fato do sujeito realmente tornar-se um sujeito ativo no meio em que vive quando se revitaliza e se atualiza pela leitura. Além disso, a literatura reúne diversos saberes perpassando por todas as ciências. Através dela estreitamos a distância entre a ciência e a vida, atribuindo sentido à existência da Ciência.

A literatura não constitui uma disciplina autônoma no Ensino Fundamental, no entanto, nada impede que o professor possa trabalhá-la de maneira mais dinâmica e particularizada, fazendo com que o aluno já consiga compreender, ler nas entrelinhas, adquirir o hábito e gosto pela leitura diária. A partir disso, o estudante poderá continuar buscando novas leituras no Ensino Médio, em que a literatura é um componente curricular, e aumentará o seu gosto pelos clássicos e outros textos literários, compreendendo, participando, questionando e entendendo o seu mundo, abrindo e aumentando sua visão para outros tipos de textos.

Olhando o seu mundo e o dos outros de outra forma, através da leitura de bons livros literários, o aluno do ensino fundamental das séries finais poderá ter os instrumentos para enxergar uma realidade que antes ele não conhecia, aumentando sua percepção, ampliando conhecimentos, desenvolvendo habilidades que melhorem seu posicionamento e enfrentamento de questões e problemas que podem vir a surgir no seu dia a dia.

Na realidade, a literatura no Ensino Fundamental é focada para que os alunos consigam identificar a tipologia e o gênero literário do texto, secundarizando o universo

individual e social do aluno. Assim, na escola, a literatura parece ser vista como algo sem muita importância, em que não há muito a acrescentar, visto que ela é trabalhada de forma conteudista, abordando dos textos literários somente breves dados biográficos de escritores mais consagrados, bem como priorizando o estudo dos gêneros literários, sem, contudo promover um estímulo para a formação de leitores autônomos, que refletem sobre as obras lidas e aprendem a pensar por si próprios.

Para muitos, a leitura de textos literários é muito difícil, incompreensível, cansativa, pela forma como é exposta, abordada e trabalhada de maneira desinteressante, superficial, em razão da falta de conhecimento, maturidade de alguns professores e pelos mesmos demonstrarem não ter desenvolvido o gosto pela leitura da boa literatura. Assim, a literatura não é vista como um canal para desenvolver a habilidade do aluno de utilizar a língua, “pois o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade, há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem; ou a já devoraram”. (ZILBERMAN; SILVA, 2005, p.121). A autora nos alerta para o fato de que as aulas de literaturas estão se tornando invisíveis, e a literatura uma senhora antiga e esquecida.

Para Luciano Amaral Oliveira (2010, p. 172), os brasileiros leem muito pouco os textos literários, e o autor ainda acrescenta que é a literatura clássica um tipo de leitura que não atrai o leitor por dois fatores: o conteúdo da disciplina literatura e a má-formação do professor de português para o ensino da literatura. Ele chama atenção para o que realmente é ensinado em sala de aula, ao invés de chamar a disciplina de literatura brasileira, deveria se chamar mais adequadamente de história da literatura, aproximando-se muito mais de história do que do português. Essa realidade se apresenta em muitas escolas em razão de os professores e os próprios livros didáticos se limitarem a ensinar resumindo o conteúdo da literatura na abordagem dos movimentos literários com suas principais características, autores e datas, nada, além disso.

Oliveira também questiona acerca do momento certo para os alunos do ensino fundamental começarem a ler os clássicos, os livros consagrados:

Forçar estudantes adolescentes a lerem obras literárias para as quais ainda não estão preparados não é nada bom para a formação de futuros leitores de textos literários. Afinal, por não estarem maduros para essas leituras, os estudantes acabam não entendendo direito o que estão lendo e, por isso acabam não gostando dos clássicos [...]. (OLIVEIRA, 2010, p. 175.).

Frequentemente, os estudantes afirmam que não gostaram de um determinado livro clássico porque não teriam compreendido nada do enredo, posto que a literatura tem sido trabalhada de forma desinteressante e abordada somente como objeto de estudo de conteúdos

gramaticais ou de ensino de produção textual, sem destacar os elementos que fazem do livro um clássico e seu valor estético, a perfeição de sua criação, estrutura, personagens, enredo, desenlace, etc. O aluno não sabe e não pode entender o que tem de ser apreciado num livro consagrado da literatura brasileira.

No Ensino Fundamental a Língua Portuguesa e a Literatura se aproximam e se relacionam, e por muitas vezes se misturam, num diálogo permanente. Entretanto, cada uma delas tem componentes curriculares diferentes, e por isso é preciso que se estabeleça um limite entre as duas, porque a primeira trata mais da gramática e normas de escrita, do uso pontual da língua; enquanto a segunda trabalha com a palavra enquanto arte, caracterizando e estudando a poesia, o conto, o teatro, sendo algo que exige mais em razão de lidar com a questão da compreensão e interpretação do mundo e dos conflitos e problemas existenciais e críticos da humanidade. Trabalhar com texto literário forma opiniões, senso crítico, depura os gostos, amplia a visão de mundo.

Em muitos livros didáticos, há uma mescla dessas duas disciplinas, o texto literário utilizado como pretexto e servindo como uma mera base para explorar e ensinar os vários aspectos da análise sintática, propondo atividades enfadonhas e desestimulantes, que não dependem em nada do texto literário.

É preciso tratar as produções literárias como obras artísticas que devem servir para a leitura de fruição, prazerosa, embora exijam alguns conhecimentos mais específicos para a compreensão mais aprofundada dos significados pretendidos por seus escritores. (OLIVEIRA, 2010, p. 180.).

Por conseguinte, observa-se o texto literário utilizado como mero pretexto, em um dos livros apresentados. O livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental das séries finais - *Português: Linguagens* da antiga 6ª série, atualmente 7º ano, - apresenta o seguinte poema (CEREJA; MAGALHÃES, 1998, p. 106-107 grifo do autor):

TEMPESTADE
 O vento ventão com voz de trovão
 Acende um clarão de medo
 no meu coração.
 Será que já vem tempestade?
 Será que vai inundar a
 cidade?
 Mas que bom! Caiu só uma
 chuva
 fininha e o vento grosso se
 transformou
 Numa brisa pequeninha.
 O vento ventinho com voz de
 sininho
 faz um carinho no meu coração.

(Roseana Murray. Apud Alda Beraldo.

Trabalhando com poesia. São Paulo:
Ática, 1990. V. 1, p. 36.).

1. Leia as orações abaixo:

“caiu só uma chuva fininha”

“o vento grosso se transformou numa brisa pequenininha”

- Identifique o sujeito de cada uma delas.
- Destaque o núcleo de cada um dos sujeitos.
- Qual a classe gramatical das palavras que acompanham os núcleos do sujeito?

2. Leia estas orações e, a seguir, responda ao que se pede:

“O vento ventão com voz de

trovão

acende um clarão de medo

no meu coração”

O vento ventinho com voz de

sininho

faz um carinho no meu

coração

- O sujeito da 1ª oração é **O vento ventão com voz trovão** e o da 2ª oração é **O vento ventinho com voz de sininho**. Destaque o núcleo de cada um dos sujeitos.
- O eu lírico do poema caracteriza o vento de várias formas, entre elas as de **ventão** e **ventinho**.

- Dê o significado de cada uma dessas palavras, de acordo com o contexto.
- De acordo com o significado e o contexto, qual é a classe gramatical dessas palavras?

c) O eu lírico ainda caracteriza vento com duas locuções adjetivas. Quais são elas?

3. O clarão de um trovão anuncia uma tempestade. O que o eu lírico sente no início do poema?

4. Uma possível inundação da cidade não aconteceu.

- Por quê?
- Como se sente o eu lírico agora?

5. O poema caracteriza o vento e a chuva, empregando palavras ora no diminutivo, ora no aumentativo. Que efeito o eu lírico quer produzir no leitor com isso?

Se tomamos do poema acima, por exemplo, o núcleo do sujeito. Veja:

uma **chuva** fininha

O vento **ventinho** com voz de sininho

Verificamos que há várias palavras que se referem ao núcleo do sujeito. Veja:

- Uma** e **o** são **artigos**: **uma** determina **chuva**; **o** determina **vento**;
- Fininha** e **ventinho** (com significado de fraquinho) são **adjetivos**: caracterizam, respectivamente, **chuva** e **vento**;
- com voz de sininho**: é uma **locução adjetiva** que caracteriza **vento**.

Os artigos, os adjetivos, e as locuções adjetivas, quando modificam um núcleo, qualquer que seja sua função sintática, exercem na oração a função de **adjunto adnominal**.

Os pronomes adjetivos e os numerais também podem desempenhar a função de adjunto adnominal:

Aquele vento me assustou.

pron. dem. adj.

Duas pessoas se amedrontaram com o vento.
numeral

Concluindo:

Adjunto Adnominal é o termo da oração que qualifica, especifica, determina ou indetermina um substantivo, qualquer que seja sua função.

É fácil verificar que todos os exercícios cobrados em torno do texto se referem a temas ligados ao estudo da Língua Portuguesa, nada há que possa ser remetido aos conteúdos literários. Os exercícios tratam de sujeito, termos essenciais da oração e termos acessórios como o adjunto adnominal, questões de sintaxe, estando os conteúdos literários esquecidos, invisíveis ou ignorados.

Os elaboradores dos livros didáticos precisam ter consciência que a literatura tem como objetivo a formação de leitores e necessita também ser experimentada através de exercícios interpretativos, de leituras dirigidas ou isoladas. Ela é carregada de significados e tem suas especificidades, e a partir disso, o aluno precisa ler por ele mesmo, sentir, dialogar com o texto e entender a intenção do texto, logo após, abordar e discutir tudo o que o foi compreendido no coletivo da sala de aula e no caderno de exercícios de forma escrita.

Podem-se encontrar diversas situações e mecanismos para que o estudante comece a cultivar o hábito de ler e leia por prazer, independente de classe social. Há livros acessíveis, através das bibliotecas nas escolas, bibliotecas públicas municipais e estaduais, biblioteca nas universidades, de campanhas de incentivo à leitura com distribuição de livros, bancos de livros, roda de leitura ou a literatura oral, tão apreciada pelas crianças, as quais são envolvidas e por vezes despertadas pelo gosto da leitura e da leitura literária.

Segundo Luciano Amaral Oliveira (2010, p. 181), “os textos literários são textos e, como tal possuem elementos que impõem limites às interpretações que os leitores fazem: são obras abertas, mas não escancaradas”. Desse modo, o texto literário é o ponto de partida, quanto mais os alunos puderem ter vivências de práticas de leitura, mais chances eles terão de olhar o mundo de uma forma mais aberta e expansiva, mais possibilidades de despertamento à consciência crítica.

A literatura permeia e embasa todo o ensino da leitura e da escrita em sala de aula e perpassa por todos os outros componentes curriculares. Portanto, há que se analisar detalhadamente as propostas trazidas pelos livros didáticos, no que tange à leitura da literatura, já que a literatura tem a sua grande e elevada importância, sobretudo na formação de leitores críticos e conscientes. Ela é útil e nos faz leitores mais interessados e

comprometidos, porque na maioria das vezes, a gramática é sobreposta aos textos literários, no entanto, elas podem caminhar juntas, produzindo diversos significados.

Assim, diante dessas reflexões, foi possível observar que cada aluno tem a sua leitura de mundo, sua vivência, seus conhecimentos prévios, suas observações, suas indagações. Entretanto, a partir de um estudo sistemático e frequente de conteúdos literários regulares é que o aluno passa a refletir sobre o seu modo de viver, pensar, agir, interpretar sobre todas as questões, planejando e discutindo, trocando vivências e experiências, melhorando enquanto ser humano, enquanto ser social.

2.2 O Tradicional e o Atual Ensino de Literatura no Brasil o Ensino Fundamental das Séries Finais

No Brasil, ainda são levantados diversos questionamentos sobre o ensino da literatura, seus objetivos, a formação de leitores, o que se deve ensinar e como ensinar literatura no Ensino Básico. É nítido que a literatura tem muito mais uma função linguística, do que intelectual e transformadora no ensino fundamental. Lajolo (1982, p. 52) objurga o uso do texto como pretexto, tendo como finalidade atividades mecânicas de fixação, ampliando o vocabulário e objetivando a produção de redações escolares. Desta forma, o aluno não pode intervir em sala de aula nem se manifestar, muito menos refletir sobre sua realidade em conjunto com os colegas.

No ensino fundamental das séries finais, os livros didáticos de língua portuguesa trabalham com textos literários fragmentados, cada vez mais contemporâneos e lúdicos. Assim sendo, são sempre tratados como um pretexto, com a finalidade de atividades que não levam os alunos a refletirem. Os textos são tratados como algo superficial e pouco significativo, ficando a literatura em segundo plano, em detrimento dos estudos linguísticos. Quase não aparecem mais recortes de textos clássicos da literatura brasileira, de autores como José de Alencar, Machado Assis ou Rachel de Queiroz, nos livros didáticos do 6º ao 9º ano. Em relação aos textos utilizados no lugar dos clássicos, Magnani considera que (1998, p. 19-20) são textos que não levam à reflexão, a nenhuma crítica, por parte dos alunos, a nenhuma transformação da realidade, conseqüentemente não gerando nenhum prazer em ler e escrever.

Os professores, por sua vez, não problematizam e não exploram de maneira adequada os textos de autores nacionais infanto-juvenis ou clássicos. Textos que consistem de uma complexidade maior, obrigando os professores a se esforçarem mais, porém eles continuam fugindo do que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), talvez por falta de familiaridade com a leitura literária, sonhando aos alunos esse conhecimento,

tornando-os apáticos em relação ao texto literário. Por isso, algumas vezes ou no início do ano letivo, pode ser escutado dos alunos que não gostam de ler, ou não gostam de escrever, ou não gostam de literatura e que não sabem para que a literatura serve, que ela é maçante já que não conseguem entender quase nada ou nada mesmo de literatura.

No ensino tradicional, o aluno não tem vez e nem voz, somente o professor é detentor do conhecimento, cabendo a ele repassar esses conhecimentos, muitas vezes de forma rasa e superficial, já que, como foi dito anteriormente, ele também não gosta e/ou não quer e/ou não sabe literatura. Isto ocorre talvez por uma deficiência em sua formação acadêmica, ou por falta de traquejo para trabalhar a literatura em sala de aula. Tal problemática provoca a falta de interação professor-texto-aluno, assim, o texto se torna algo muito distante, incompreensível e desprezível. O professor precisa compreender que ele deve agir como um mediador ou facilitador, ouvindo os seus alunos, valorizando os diversos saberes e construindo, em conjunto com seus alunos, o conhecimento.

O texto literário atua como mediador entre o mundo e o indivíduo, estabelecendo sentido, diálogo no mundo em que vive. A literatura faz parte da formação humana, ela abre espaço para a multiplicidade de sentidos, relaciona-se com processos políticos, históricos, sociais e culturais, questões pertinentes aos seres humanos. Do mesmo modo, a literatura escolar no processo de ensino-aprendizagem deve estabelecer um vínculo entre a vivência do aluno e o texto lido, visto que a escola será um meio do aluno se situar e formar uma conexão com o prazer em ler, escrever. Deste modo, o ser humano poderá se integrar no processo educativo, adquirindo através da literatura, a sua emancipação.

2.3 A Educação e as Novas TIC's: Elementos que se Reconstroem

O uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) já não é mais uma novidade para os alunos, ou pelo menos, para a maioria deles, tanto na escola, quanto fora dela, em que o acesso é maior e mais livre. Cada vez mais, as tecnologias são incorporadas ao meio educativo, entretanto, há professores que se recusam em utilizá-las. Enquanto outros a utilizam como grande aliada a sua prática de ensino, possibilitando, aos alunos, espaços significativos para melhorar o processo educativo. O professor que utiliza essa ferramenta em suas aulas consegue sair da aula tradicional (livro didático, quadro, pincel).

No entanto, abre-se um parêntese, de que se o professor não souber utilizar as TIC's de maneira significativa e didática, contribuindo significativamente no processo de ensino e aprendizagem, buscando a inovação e a interação, fatalmente essas tecnologias ficarão fadadas ao fracasso, sem serventia. Elas, isoladamente, não são e nem serão a única solução

para melhorar o ensino em sala de aula. Este questionamento é feito pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 140): “A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino”. A simples presença de novas tecnologias na escola não é garantia de melhor qualidade na educação, uma vez que a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e memorização de informações.

Se o professor, ao realizar essa mediação, não souber utilizá-las de um modo eficaz, não apresentar e oportunizar aos alunos, não só a exposição de conteúdos, mas principalmente, fazendo-os utilizar essas ferramentas para pesquisa, possibilitando uma participação mais ativa desses alunos, de como utilizá-las para fins educativos, de trabalho, de leitura, de escrita, de criação, o ensino trabalhado continuará dentro de um modelo tradicional, arcaico e conservador.

Os estudantes que têm acesso às TIC's são mais ativos, perceptivos e participativos, visto que o mundo digital oferece uma gama de oportunidades de conhecimento sobre vários aspectos. O professor precisa se posicionar e mediatizar esses conhecimentos no sentido de uma prática educativa mais crítica, dinâmica, para que haja reflexão e fazendo seus alunos tomarem posição sobre os mais diversos assuntos, e por isso, foram escolhidos o *blog* e as histórias em quadrinhos no projeto de intervenção. Segundo Pinheiro:

As redes sociais, os *blogs* e os *microblogs* como o twitter assumem papel fundamental no desenho das (inter) relações e nos modos de interação na sociedade contemporânea; Junto aos grandes meios utilizados pelos usuários, pela imprensa, pela escola, criaram-se também os *blogs*, que se colocaram inicialmente como um tipo de suporte muito mais ligado a uma espécie de diário. Não aqueles diários escritos pelas adolescentes, mas um tipo especial de publicação na web. Um espaço onde fatos, acontecimentos, desejos, críticas, comentários e notícias entre outros tópicos são disponibilizados aos usuários (PINHEIRO, 2013, p. 207-208.).

Mesmo que a escola não disponha ou não disponibilize essas tecnologias, cabe ao professor ir em busca de estratégias e criar mecanismos para que seus alunos saibam que existem e que podem utilizar as TIC's, para uma melhor e mais dinâmica aprendizagem, através de imagens, *blogs*, jogos, notícias, vídeos, etc. Com isso, haverá uma progressão do saber, de trocas mútuas e de relações sociais, propiciando novos conhecimentos e intercâmbio de culturas com uma rapidez veloz, que apenas essas tecnologias podem proporcionar, ressaltando não somente a informação, como também, o conhecimento.

Destaca-se, dentro das TIC's, o *blog*, que é uma ferramenta motivadora e auxiliadora na prática docente, com vistas a uma atividade de ensino e aprendizagem para uma nova (re) leitura da literatura. A utilização do *blog* na prática pedagógica é de fundamental importância,

atuando tanto como um instrumento de transmissão de conteúdos, quanto como recurso a ser didaticamente utilizado de forma apropriada e coerente com o discurso do professor, conjecturando com a realidade sócio interativa do ambiente virtual de aprendizagem. Destarte, torna-se relevante devido a uma concretização prática de ensino desenvolvida à luz das novas tecnologias e ensino, estabelecendo uma aproximação entre a teoria e a prática.

Hoje os *blogs* assumem formatos diversos e são utilizados, indiscriminadamente, por meninos e meninas, profissionais e organizações, não só como diários, mas também como espaços para divulgar e compartilhar informações. Na área da educação há milhares de *blogs* relacionados ao assunto, basta olhar no Google e se encontra 43 milhões de páginas [...] educadores e instituições de ensino preocupam-se em socializar, usando o espaço do *blog*, suas angústias e suas sugestões em relação à abordagem de conteúdos, à troca de informações, à promoção de discussões por meio de ferramentas da web, à proposição de atividades e de incentivo à escrita para aprendizes. (PINHEIRO, 2013, p. 208.).

O professor precisa estar aberto a mudanças, lançar desafios e criar novos cenários de aprendizagem, valendo-se das tecnologias digitais em sua prática educativa. Ele não pode continuar com as mesmas atividades e com a mesma forma de pensamento e atitude. A educação contemporânea requer um ensino criativo, resgatador, dinâmico e interativo, possibilitando aos alunos uma aprendizagem realmente significativa. Moraes abordou essa questão quando enfatiza:

As instrumentações eletrônicas, se adequadamente utilizadas em educação, poderão se constituir em ferramentas importantes capazes de colaborar para a melhoria da qualidade do processo de aprendizagem, estimulando a criação de novos ambientes educacionais e de novas dinâmicas sociais de aprendizagem, colaborando, assim, para o surgimento de certos tipos de reflexões mentais que favorecem a imaginação, a intuição, a capacidade decisória, a criatividade, aspectos estes fundamentais para a sobrevivência individual e coletiva. (MORAES, 2007, p. 09.).

Por isso, há uma compreensão de que as TIC's contribuem de forma expressiva no processo de ensino e aprendizagem e precisam ser utilizadas na prática pedagógica com engenhosidade, apontando estratégias e metodologias para replanejar os processos educativos de forma significativa.

2.4 As Histórias em Quadrinhos

As histórias em quadrinhos (HQ's) compõem um gênero textual com caráter interdisciplinar, transdisciplinar e arquetizada com as mais diversas referências culturais. É um recurso que tem um espaço mínimo na sala de aula, apesar da escola ser considerada como um espaço de reflexão e transformação, através das mais diversas manifestações sociais e culturais. Entretanto, fora da sala de aula, as crianças, os adolescentes e os jovens as utilizam com frequência, como um meio de comunicação de massa.

Pode-se perceber, através das histórias em quadrinhos, que se utilizam da linguagem verbal e linguagem não verbal conjugadas, que palavras e imagens ensinam melhor trabalhando juntas. Com os quadrinhos, os alunos se interessam mais pela leitura, adquirem uma capacidade maior de interpretação, ampliam a capacidade de compreensão do mundo e desenvolvem a criticidade. Além de um elevado grau de informações, os quadrinhos fornecem subsídios para questionamento e debate entre professor e alunos dentro e fora da sala de aula, este último através de atividades e ferramentas extraclases.

As HQ's, apesar da sua grande utilização, já foram consideradas, antigamente, como algo impróprio para leitura, sofrendo vários preconceitos e sendo avaliadas como leituras infantilizadas, causando lerdeza mental. Houve incentivo, na década de 90, para sua utilização, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, incentivando o uso de gêneros não consagrados, inclusive as histórias em quadrinhos, tamanho era o seu poder de influência nas crianças, no processo de ensino-aprendizagem, propiciando ao aluno a “linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente” (PCN, 1997, p. 30).

As HQ's fazem parte do cotidiano dos alunos, são veículos de comunicação, de expressão. Quadrinhos mesclam imagens, cores, desenhos e escrita, criando novas artes, transformando-se em arte da comunicação. Conforme Waldomiro Vergueiro:

Palavras e imagens, juntas, ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem existentes nas histórias em quadrinhos amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar representa muito mais do simples acréscimo de ilustrados -, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos (VERGUEIRO, 2004, p. 21.).

Portanto, o professor poderá utilizar as histórias em quadrinhos como um benefício para atividades educacionais e como meio de comunicação espontânea, e estimulando o hábito e o gosto pela leitura. O aluno buscará, além das histórias em quadrinhos, outros gêneros. Segundo Pinheiro (2013, p. 223) o computador serve para potencializar as aulas e não para substituir o trabalho docente.

Em um estudo desenvolvido pela Universidade de Brasília (UNB), denominado “Retrato da Escola”, com o objetivo de avaliar elementos que intervenham na qualidade do ensino, apresentado por Passarelli (2004, p. 48): “os alunos que leem HQ's têm melhor desempenho escolar do que os que se atêm somente ao livro didático”. Os alunos que têm um contato maior com as HQ's se desenvolvem mais, aumentando o vocabulário, refletindo,

utilizando mais a imaginação do que os alunos que apenas têm contato com os livros didáticos.

A metodologia utilizando as histórias em quadrinhos pode ser adotada em qualquer nível escolar. É evidente que o professor precisa fazer as devidas adaptações, estabelecer objetivos e verificar as necessidades para cada período escolar. Vergueiro (2009, p. 21) afirma que “as histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico”. É necessário apontar que no ensino fundamental das séries finais, os alunos já estão familiarizados com o gênero histórias em quadrinhos e conseguem estabelecer uma conexão das histórias com a sua realidade.

As HQ's consistem num gênero e numa arte, em que o professor e os alunos podem viajar pelo mundo da imaginação, criando, fantasiando e refletindo, a partir das expressões entre imagens e textos. Além do mais, elas podem promover o aumento do domínio da leitura e da escrita de forma lúdica, quando produzidas na esfera digital. A curiosidade e o estímulo aumentam, devido a uma grande produção apresentada em troca mútua com os colegas, em que também eles terão oportunidade de criar suas próprias histórias. É um instrumento que torna o ensino, inquestionavelmente, prazeroso, despertador, divertido e facilitador da aprendizagem.

2.5 A Leitura da Literatura e sua Análise no Livro Didático de Língua Portuguesa do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

O livro didático é um material pedagógico utilizado na escola, especificamente na sala de aula, vem encadernado com capa dura. Ele é organizado com toda uma sequência de textos e exercícios, mas não pode e nem deve ser o único material trabalhado em sala de aula, uma vez que todo professor tem uma gama imensurável de recursos, incluindo a tecnologia, para ensinar literatura ou qualquer outro conteúdo. Todavia, o livro didático, quando utilizado coerentemente, torna-se um grande aliado do professor. Maria José Coracini (1999, p. 18), salienta que “nas mais diversas situações de ensino, observamos que o livro didático é a única fonte de informação”. Sendo o único material que alunos e professores têm em mãos e é ele que direciona o que deve ser ensinado.

No entanto, alguns professores se acomodam e utilizam o livro como um amuleto e segue-o rigorosamente, como se não houvesse nenhum outro material definitivo para trabalhar literatura ou língua portuguesa. Eles o fazem porque assim não demandam tempo e nem o acréscimo de outros tipos de conhecimento, tanto por parte dos professores, quanto dos alunos. Eles se limitam ao livro didático somente, achando que somente existe o livro didático

como instrumento seguro de ensino, com todo o conteúdo dos currículos nele contemplado e o utilizam do início ao fim.

Entretanto, o livro didático não comporta todas as informações, em relação aos mais diversos gêneros existentes, o livro não tem como abordar todos. A partir disso, o professor precisa buscar os outros gêneros existentes para que possam ser conhecidos e trabalhados pelos alunos. O professor não pode negar essas informações aos seus alunos. Ele precisa entender que o livro didático é um recurso fundamental, mas não o único.

Apesar de o livro didático ser muito criticado, principalmente pelos próprios professores, ele ainda é bastante atuante e vem se fortalecendo ao longo do tempo. Um bom exemplo disso consiste no fato de que, para muitos alunos, especialmente os de periferia, que cresceram sem ver livro, lápis, caneta, papel; o primeiro contato que eles têm com um livro, é na escola, e é com livro didático, convívio relativamente intenso e prolongado.

No início, os alunos apresentam imediatamente um interesse, visto que é uma novidade em suas vidas, e veem-no como algo que pode lhes proporcionar conhecimento. Embora seja realmente tudo isso, não é a única fonte de conhecimento. Entretanto, com o decorrer dos anos escolares, os alunos se desinteressam, achando algo chato e cansativo. Muitas vezes, não conseguem compreender o que os livros didáticos apresentam e solicitam dos alunos, precisam da ajuda do professor para entenderem o texto e o que se pede nos exercícios. A consequência de tudo isso é a falta de vontade de ler, não gostam e não querem cumprir a tarefa de ler. Portanto, tornam-se avessos à leitura, refletindo nos resultados avaliativos de forma negativa, na sua vida pessoal, educacional, profissional e social.

O professor deve atentar para o que se compreende como a leitura da literatura. Conforme Beach e Marshall (1991, p.38), é a compreensão do texto, conhecimento literário e experiência realizada pelo leitor no ato da leitura. Há um determinado artificialismo entre a leitura da literatura nos livros didáticos e os livros que são reproduzidos na própria escola, fazendo com que o aluno não consiga questionar e relacionar a teoria com a sua prática. A leitura de textos literários é feita para atingir um objetivo estabelecido como um objeto de estudo, sem a preocupação de levar o aluno a refletir, questionar e saber utilizar a língua. Conforme diz Marisa Lajolo (2005, p. 96), “[...] a prática de leitura literária patrocinada pela escola fica no meio do caminho. Que como ensina Drummond, só tem pedras”.

Muitas vezes, a escola trata o ato da leitura como mera decodificação, cansando o aluno com pilhas de textos e exercícios obrigatórios, preocupando-se somente com o resultado da avaliação, assim desmotivando o aluno cada vez mais a gostar de ler e, principalmente, a

gostar de literatura. O estudante termina considerando a literatura somente como uma disciplina insignificante, cansativa e inútil.

Muitos livros didáticos trazem somente textos e interpretações superficiais, com atividades mecânicas, que não levam ao aluno a raciocinar, questionar, ou realizar efetivamente sua própria leitura. Conforme Kleiman e Moraes (1999, p. 66): “O livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma leitura legítima para o texto”. Essa afirmação induz a que o professor perceba que deve sair do livro didático e não permanecer restrito a ele, buscando filmes, outros livros, peça de teatro, jogos, saraus de poesia, como alternativas para complementar e enriquecer os conteúdos literários em sala de aula.

O professor tem que buscar, criar e trabalhar com outros materiais, utilizando diversas metodologias e estratégias de aprendizagem, que incentivem os alunos de uma forma prática e dinâmica, aguçando a curiosidade, o interesse, como por exemplo, oficinas ou círculos de leitura, não com intuito avaliativo, e sim, como expressão, criação, manifestação, transmissão, excitação da imaginação. Essas atividades alternativas levarão os alunos a terem diversos tipos de conhecimento sobre o mesmo assunto e passarão a se interessarem cada vez mais.

Não se pode ver e abordar a literatura como somente mais uma das diversas disciplinas escolares ou dependentes da língua portuguesa. Se houver algum esforço da parte dos docentes, para tentar enxergar a situação em que se encontram as aulas de literatura, talvez possamos verificar que estudar e ensinar literatura vai além de meras aulas, através do desenvolvimento da capacidade linguística, da expressão, da criação, do questionamento. A literatura é social, histórica, política, cultural, artística, é um espaço de interação, construção e transformação de vidas e da realidade.

Há que se criar mecanismos que valorizem os estudos literários, o professor não pode se prender somente ao livro didático. Ele pode trabalhar os textos literários interdisciplinarmente. Por exemplo, analisando um poema, abordando seus aspectos históricos, sociológicos e de gênero literário. Mesclando com o teatro, música e outras disciplinas. Através de um conto, dependendo do seu contexto, pode-se trabalhar as mais diversas áreas. Como exemplo, analisando O conto *As formigas* de *Lygia Fagundes Telles*, encontrado no livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental das séries finais – Novo Diálogo de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho do ano de 2008 - texto focado no leitor e no processo de leitura do texto literário, ideia divulgada pelo autor Roland Barthes, no texto *A morte do autor*, publicado no livro *O rumor da língua*, o autor “morre”, pois deixa de

ser o detentor de sentidos do texto que escreveu. Função essa que passa a pertencer exclusivamente ao leitor, na interação com o texto. Na mesma obra, no texto *Da obra ao texto*, o autor também evidencia a importância do texto, desconectando-o do autor:

A obra é um processo de filiação [...] O autor é reputado pai e proprietário da obra; a ciência literária ensina então a respeitar o manuscrito e as intenções declaradas do autor, e a sociedade postula uma legalidade da relação do autor com a obra. Quanto ao Texto, lê-se sem a inscrição do pai. A metáfora do pai aqui se dissocia da metáfora da obra; [...] O Texto pode ser lido sem a garantia de seu pai; [...] O eu que escreve o texto nunca é mais do que um eu de papel. (BARTHES, 2004, p 71-72.).

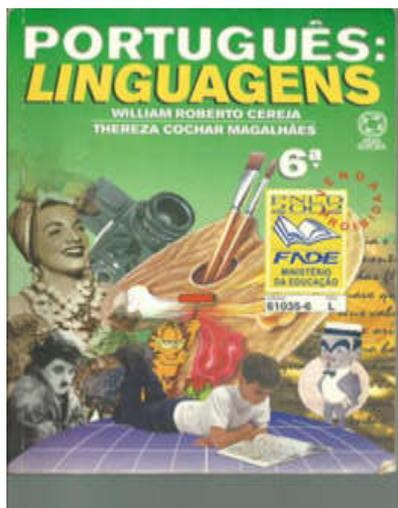
Barthes considera a pluralidade do texto e o considera como um campo metodológico e convida o leitor a conhecer o prazer estético da leitura, a identificar-se com o texto, dialogar com suas experiências reais, ver a realidade representada no texto. Em muitos contos, o professor de literatura pode verificar essa afirmação de Barthes, como no exemplo a seguir.

No conto *As Formigas*, estão presentes do início ao fim, elementos de mistério, suspense, enigmas e pistas que vão sendo dadas ao longo do texto e da leitura realizada. É possível trabalhar com a representatividade, sentimentos, significados na vida da formiga, comparando e estabelecendo relações com a vida do leitor, as metáforas. Além disso, o professor pode trabalhar outras áreas como a medicina e o direito, que são citados no texto, questionando aos alunos o que representam essas áreas e qual sua utilidade. O direito representa as leis, a ordem; enquanto, a medicina representa o antagonismo vida e morte. Assim, pode-se induzir o aluno a estabelecer essas relações e ampliar seu conhecimento. Assim haverá a dinamização no processo de leitura da literatura, não só em livros didáticos, mas em tudo que for trabalhado em sala de aula.

A escolha dos livros didáticos, como corpus do trabalho foi aleatória, visto que a minha intenção é buscar e analisar a abordagem realizada pelos dois livros didáticos e comparar os dois, verificando mudanças e melhorias no referido assunto. O importante nesse estudo é verificar a evolução dos conteúdos ensinados em língua portuguesa interligados com a literatura, num determinado intervalo de tempo.

Os livros didáticos selecionados para o estudo foram: O livro didático de língua portuguesa do Ensino Fundamental das Séries Finais - *Português: Linguagens* PNLD 2002 da 6ª série, atualmente 7º ano dos autores: William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Editora Atual. Ano 1998.

Figura 1: Livro didático Português: Linguagens



Fonte: Escaneado pela autora

O livro contém quatro unidades, cada unidade tem três capítulos. Com a seguinte estrutura: Texto – Compreensão e interpretação; a linguagem do texto, e a retomada de algum fragmento do texto para trabalhar a interpretação do referido fragmento e gramática; leitura expressiva, a obra trabalha a oralidade do texto; trocando ideias, trabalha a relação entre texto e leitor – Produção textual – Para escrever certo, trabalha a ortografia, a gramática – A língua em foco, trabalha gramática – Divirta-se, trabalha com adivinhas.

É um livro que contém 230 páginas. Ele é bastante ilustrativo, utiliza as mais diversas imagens como: fotos, pinturas, histórias em quadrinhos, propagandas, jornais. Ele trabalha com textos literários e não literários. Há uma comparação dos textos, considerados pelos livros com principais e secundários, para que o aluno consiga estabelecer relações do tema exposto. Quanto à escolha dos autores dos textos, na maioria, foram escolhidos autores contemporâneos e não foram selecionados seguindo os cânones literários. O livro em estudo também aborda questões referentes ao comportamento, relacionamento e classe social, racismo, consumo, relação entre ficção e realidade, meio ambiente. Em relação às atividades propostas, o livro selecionado trabalha com exercícios que abordam as questões de interpretação textual e questões de análise gramatical, muito menos a primeira, em relação à segunda, a gramática. Desse modo, percebe-se que as questões de compreensão e interpretação, algumas são vagas e soltas para a idade dos alunos do ano em questão. Talvez não tenham maturidade suficiente e nem informações necessárias para a resolução dessas questões, ou seja, em algumas atividades não há viabilidade de realização.

No livro didático, *Português: Linguagens*, verificamos em alguns textos literários, o texto servindo como pretexto, para se trabalhar a gramática, conforme a seguir (CEREJA; MAGALHÃES, 1998, p.63, grifo do autor):

O VERBO FLOR
 O verbo flor
 É conjugável
 Por quase todas
 as pessoas
 em certos tempos
 definidos
 a saber:
 quase nunca no outono
 no inverno quase não
 quase sempre no verão
 e demais na primavera
 que no coração
 poderá durar
 e ser eterna
 quando o verbo conjugar:
 quando eu flor
 quando tu flores
 quando ele flor
 e você flor
 quando nós
 quando todo mundo flor

Renato Rocha, *Adivinha o que é*. São Paulo, Ariola, 1981. MPB4.

3. O poeta empregou as palavras tempos e pessoas em dois sentidos: pessoas refere-se às pessoas do discurso (eu, tu, etc.) e a todas as pessoas, todo o mundo. E a palavra tempos? Quais os significados que ela adquire no poema?

4. Por que o verbo flor é conjugado quase nunca no outono, quase não no inverno, quase sempre no verão e demais na primavera?

5. Quando o poeta emprega quando eu flor, ele está fazendo um trocadilho (um jogo de palavras) com uma forma de outro verbo.

a) Qual é o verbo? Qual é essa forma verbal?

b) Em que tempo e modo está a forma verbal quando eu flor?

c) Considerando que esse modo verbal é normalmente utilizado para expressar algo que se deseja, ou que possa vir a acontecer, que relação existe entre a escolha desse modo verbal e o desejo do eu lírico?

6. Você sabe que são três as pessoas do discurso, que podem estar no singular ou no plural. Na conclusão do poema, entretanto, o poeta acrescentou mais uma.

a) Qual é ela?

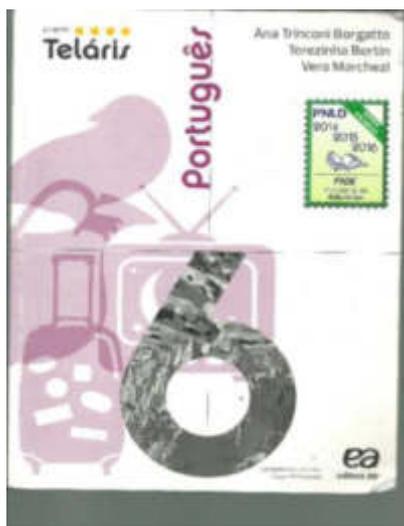
b) Por que, em sua opinião, para o poeta é necessário que se inclua mais essa pessoa na conjugação do verbo flor?

Neste texto literário, pode-se perceber claramente a preocupação em se trabalhar os verbos, tempos verbais, pessoas do discurso. Quanto ao texto, a interpretação e compreensão de seu conteúdo, estrutura, ritmo, cadências, foi totalmente esquecida. É como se o texto em si, não existisse. Como se não houvesse raciocínio, questionamento. No sentido, de responder

somente aquilo que estar sendo pedido pronto e acabado. Apesar de, aparentemente, as palavras do texto serem simples, sentimos falta de um glossário, para que, caso alguma dúvida surgisse, fosse consultado pelos estudantes.

O segundo livro didático de língua portuguesa do Ensino Fundamental II - Português: *Projeto Teláris Português* PNLD 2014, 2015, 2016 do 6º ano das autoras: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. Editora Ática. Ano 2012.

Figura 2: Livro didático Projeto Teláris



Fonte: Escaneado pela autora

O livro contém quatro unidades, com sete capítulos ao todo. Com a seguinte estrutura: Leitura – Interpretação do texto – Prática de Oralidade (trabalha a oralidade) – Outras linguagens (trabalha ilustrações, histórias em quadrinhos) – Língua: usos e reflexão (trabalha os recursos gramaticais e linguísticos) – Outro texto do mesmo gênero, (realiza um comparativo com o texto principal.).

É um livro que contém 312 páginas. Por ser um livro mais recente, entregue no ano de 2014 para os alunos, aparenta ser mais ilustrativo, se for comparado com o primeiro livro. Cheio de imagens de fotos, pinturas, histórias em quadrinhos, desenhos, propagandas, jornais, com a finalidade de cada vez mais tornar-se chamativo, interessante e que realmente prenda a atenção dos alunos. Trabalha com textos literários e não literários comparando e relacionando os textos com outros. Aborda questões sobre a família, trabalha os contos populares em verso e prosa, os contos em prosa poética, crônica com diálogo argumentativo, ou seja, já apresenta e trabalha mais diretamente para o aluno, o que é conto, crônica e como se constroem. Logo após, a compreensão e interpretação textual, trabalhando a tipologia e o gênero textual, os elementos da narrativa. No entanto, verificou-se que as atividades propostas ainda são

superficiais, algumas questões que são solicitadas aos alunos e que não são esclarecidas, não há um conhecimento prévio através do livro, ou seja, requer do aluno conhecimento e compreensão sobre o assunto, caso contrário, o aluno não conseguirá realizar a atividade.

Neste livro - *Projeto Teláris* – foi possível notar como o texto literário ainda é trabalhado de forma limitada, não existe a preocupação de uma abordagem de leitura literária como mediação escolar para o despertar do prazer da leitura ou do senso crítico (BORGATO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 62-63, grifo do autor).

Leia com atenção o conto em versos “Severino” para reescrevê-lo em prosa.

Severino

Severino é o mais rico
Dentre o povo de Urupemba
Mas antes passava fome
A todos, fazia pena

Um dia arrumou emprego
Pra cavar poço profundo:
“Meu trabalho é ser tatu
Para isso estou no mundo”

Seu companheiro de lida
Era Tetéu cacimbeiro
O homem que adivinhava
Onde furar primeiro

Seu Tetéu se concentrava
E Severino cavava
Da cacimba, garantida
A água nunca faltava

Um dia Tetéu lhe disse:
“Amigo encontrei um tesouro
Uma botija enterrada
Cheia de prata e ouro”

Mostrou o ponto da bora
E Severino cavou
E com a botija encontrada
A sua vida mudou

Tetéu, o seu companheiro
Chorou de felicidade
Severino quis lhe dar
Uma vida de verdade

Quis dividir a riqueza
Um colar de puro ouro
Uma casa na cidade
Metade do seu tesouro

Mas Tetéu não aceitou:
“Fique com tudo, eu lhe digo
Meu maior contentamento
“É ter você como amigo” [...]

ACIOLI, Socor. *Inventário de Segredos*. São Paulo: Biruta, 2009.
Planejamento da reescrita

1. O conto “Severino” tem todos os elementos de um conto da tradição oral que você estudou.

Para planejar, observe os **elementos da narrativa**:

- Personagens: Severino e Tetéu
- Espaço: Urupemba
- Tempo: indeterminado (Um dia...)
- Narrador: que observa e conta o que acontece.
- Enredo / Ação: encontro do tesouro

2. Da mesma forma, encontramos no conto os **momentos da narrativa**, que constituem o enredo.

Escreva no caderno as partes correspondentes conforme apresentadas no quadro:

- O tesouro é encontrado e Severino quer dividir a riqueza.
- Tetéu encontra um tesouro e pede a Severino que cave.
- Severino é homem pobre e arruma emprego para cavar poços.
- Tetéu não aceita e deixa tudo para Severino.

Situação inicial	Conflito/Complicação	Clímax	Desfecho

3. O conto foi escrito em versos e rimas. Para reescrevê-lo em prosa, lembre de que:

- Será escrito em parágrafos, em que as falas devem ser marcadas com o uso de travessões;
- Terá um narrador que apenas observa e conta os fatos;
- A linguagem poderá ser informal, cotidiana, com o uso de expressões da linguagem popular ou regional.

Faça um rascunho, releia e só passe a limpo quando considerar o conto pronto. Ilustre com traços, em preto e branco, à maneira das xilogravuras, para expor na sala de aula.

O texto não relaciona os fatos da história ao conhecimento de mundo do leitor. Na atividade proposta, não há reflexão e questionamentos sobre a mensagem que o texto repassa. Há uma abordagem, referente à tipologia textual e ao gênero textual, simples, sem grandes aprofundamentos, meramente informativa, com a identificação dos elementos da narrativa e os momentos da narrativa.

Inicialmente, foi realizada a discussão da negligência da leitura da literatura feita pelos livros didáticos de língua portuguesa no Ensino Fundamental das Séries Finais. Sendo que os livros didáticos apresentam os textos literários, no entanto, a abordagem e análise desses textos são superficiais, restringindo-se a exercícios gramaticais, com o intuito avaliativo. Sendo assim, o conteúdo estudado não induz o aluno a refletir, a questionar e relacionar o texto com sua realidade pessoal ou da comunidade em que vive. Estão sendo comparando os dois livros, para que se possa perceber algumas das diferenças e se houve grandes mudanças

entre esses doze anos, já que o primeiro livro foi utilizado a partir do ano de 2002 e o segundo, a partir do ano de 2014.

Através da presente análise, foi possível apreender que os dois livros didáticos escolhidos apresentam ilustrações bem coloridas, como pinturas, desenhos, histórias em quadrinhos, fotos etc., aguçando a curiosidade e a imaginação do aluno, antecipando o que ele pode encontrar mais a frente. Quanto aos textos literários, eles englobam temas referentes às diferenças, preconceito racial, diversão, contos da tradição oral, contos de imaginação e realidade, entre outros. Tentando abranger as mais diversas manifestações culturais, fazendo com que o aluno se identifique com os temas abordados e consiga inserir-se no processo de leitura, de leitura da literatura, compreensão e interpretação textual.

Os livros didáticos ora analisados apresentam os textos relacionando-os com outros textos, apresentando as tipologias textuais e trabalham os mais diversos gêneros textuais. Contudo, nas atividades propostas de compreensão e produção textual, foi verificado certa dificuldade de elaboração desses exercícios em relação ao texto.

Em cada unidade há uma análise dos usos e reflexões da língua, trabalhando as variedades linguísticas, linguagem formal e informal, classes de palavras. No entanto, percebeu-se que não há engenhosidade de se trabalhar detalhadamente nem mesmo a gramática, como também foi possível notar que, na maior parte das atividades propostas dos dois livros, há a utilização de textos literários ou trechos de textos literários, que servem de pretexto para o estudo da gramática. Portanto, os dois livros didáticos ora analisados, continuam na superficialidade, contendo ainda algumas atividades que estão descontextualizadas, refletindo negativamente no processo de leitura literária, reflexão e função social do indivíduo.

A literatura trabalhada no ensino fundamental e a trabalhada no ensino médio são diferentes. Talvez, por isso, a superficialidade propostas nas atividades do livro, o que não se justifica, já que é no início da vida escolar do indivíduo, que a família, o professor, a escola e o livro didático, através de todo o seu conteúdo, devem instigar, estimular esse indivíduo para que ele se sinta desafiado e torne-se capaz de buscar leituras cada vez mais aprofundadas, de procurar melhorar o meio em que vive.

Destarte, o ideal seria, ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, os alunos adquirirem o gosto pela leitura literária, porém mudar os hábitos e costumes de privilegiar mais a escrita que a leitura na escola básica irá depender de diversos fatores, como por

exemplo, a metodologia utilizada pelos livros didáticos e a metodologia e outros recursos, também utilizados pelo professor.

3 METODOLOGIA

Quanto à Metodologia, foram selecionados para crítica e análise os seguintes livros didáticos de língua portuguesa: - *Português: Linguagens*, 6ª série, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; como também o livro intitulado *Projeto Teláris Português*, 6º ano, das autoras: Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. Foram trabalhados em seu conteúdo, estrutura, divisão dos assuntos, temáticas, exercícios, imagens e ilustrações e, principalmente, pelos métodos adotados para trabalhar a literatura em sala de aula.

Além disso, foi construída uma proposta de trabalho para melhorar o domínio da leitura, da escrita, da interpretação e da participação crítica do aluno no que diz respeito à leitura da literatura. Vale salientar que é imprescindível que o professor mostre a multimodalidade na língua portuguesa, em especial, na modalidade visual com a qual o texto pode se apresentar ou se transformar.

A proposta possibilita, a partir de novos cenários digitais de aprendizagem, que o aluno consiga perceber e realizar algo que talvez nunca tenha sido permitido, com a utilização de um espaço inovador, mas que ao mesmo tempo ele conhece e alguns até dominam bem, que são as ferramentas da internet, no caso, o *blog*. Além disso, os alunos poderão visualizar a transformação de um texto em uma história em quadrinhos, assim eles e o professor ultrapassarão os limites impostos pelo livro didático e também, pela sala de aula. Será um espaço em que eles poderão participar e dar as mais diversas opiniões e sugestões.

O *blog* foi criado através de uma ferramenta do *Google* para edição e gerenciamento de *blogs*, o *blogger* (www.blogger.com) e a história em quadrinhos criada e diagramada na ferramenta CorelDRAW Graphics Suite X6, versão 16, que oportuniza a edição e criação de imagens digitais. Assim sendo, a integração das TIC's, mais especificamente do *blog* com as histórias em quadrinhos, oportunizaram um ambiente de extensão da sala de aula. O professor proporcionará aos educandos, a partir do seu planejamento, diversas atividades utilizando o *blog* e facilitando a aprendizagem.

Para operacionalizar o uso dos quadrinhos no *blog*, foi utilizado o laboratório de informática da escola com uma turma do 6º ano do ensino fundamental, para que os alunos pudessem ter um acesso inicial de apresentação e conhecimento, e posteriormente acessariam o *blog* em casa, pelo computador, celular e através de outros meios de acesso. A tarefa foi ler os quadrinhos do texto e relacioná-los com um recorte da Declaração dos Direitos da Criança

da ONU, Princípio 9, de 20 de novembro de 1959, que garante à criança proteção e proíbe o trabalho infantil, recorte este que, também, é abordado no livro didático em questão, no entanto, é trabalhado em forma de debate, com ênfase na prática da oralidade. Sendo que, nota-se, em sala de aula, a resistência de algumas crianças em se exporem, em questionarem e emitirem as suas opiniões oralmente, e com um agravante a mais, o fator tempo, que é a duração da aula, muitas vezes não dando tempo de outros alunos questionarem e debaterem de forma mais incisiva.

No *blog*, a forma de trabalhar essa questão é diferente, a ênfase é na escrita. Assim sendo, o medo do aluno em se expor é bem menor ou inexistente, porque terão mais liberdade de questionarem, trocarem ideias e até mesmo, dar uma solução ao fato ora questionado. Tendo mais tempo para refletirem sobre o assunto, apresentando e defendendo ideias, participando ativamente, levando e debatendo o assunto com seus familiares e amigos e trazendo também para o *blog* outras opiniões. Lembrando sempre que é importante, aos alunos, verem e lerem os comentários com respeito e considerando as opiniões diferentes das suas. O Princípio 9 da Declaração dos Direitos da Criança diz o seguinte:

A criança deve ser protegida contra todas as formas de abandono, crueldade e exploração. Ela não deve ser objeto de tráfico de forma alguma. A criança não deve ser empregada antes da idade mínima adequada; ela não deve ter empregos ou ocupações que prejudiquem sua saúde, educação ou interfiram no seu desenvolvimento mental ou moral. (PORTO;HUZAK; AZEVEDO, 2003, p. 74.).

O trabalho foi feito da seguinte forma: Primeiro, classificar todas as unidades estudadas, em cada um dos livros selecionados como objeto de estudo, referentes ao ensino de literatura, mesmo tangenciando os conteúdos da literatura brasileira. Como as escolas de ensino fundamental não trabalham mais com planos de aula e adotaram o método das sequências didáticas, os poucos conteúdos de literatura trabalhados ficam espalhados dentro de cada sequência, que privilegia o trabalho com gêneros textuais e o ensino de gramática. Entretanto foi considerado relevante que estes poucos conteúdos abordando a literatura fossem devidamente analisados e comentados.

Segundo, apresentar o conto do livro didático *Projeto Teláris Português*, 6º ano, denominado “A menina e as balas” (2012 p. 99-101) aos alunos. Conforme exposto e solicitado pelo livro, o texto é lido e os alunos fazem as atividades do livro, porém foi acrescentado trabalhar o conto em histórias em quadrinhos com o *blog*, extrapolando os limites do livro didático.

Terceiro, após a análise superficial do texto, conforme solicitado no livro didático, os alunos participaram do *blog*, em casa, no próprio celular ou no laboratório de informática da escola. Com o *blog*, os alunos tiveram a oportunidade de participar, opinar, criticar, visualizar o texto com outro olhar, relacionando com um texto diferente proposto em seu cotidiano,

A partir disso, a análise foi feita pela professora, verificando, através dos comentários, questionamentos, críticas e opiniões realizados pelos alunos no *blog*, se eles conseguiram entender a mensagem, se eles conseguiram inter-relacionar a história em quadrinhos com o outro texto proposto. Como resultado o *blog* demonstrou ser uma excelente ferramenta aos professores de língua portuguesa, que trabalham a literatura no ensino fundamental. Portanto, o *blog* e o uso de quadrinhos proporcionam aos professores a oportunidade de preencher as lacunas deixadas pelo livro didático e buscar outras opções que podem melhorar e ampliar de forma consistente a dinâmica e a aprendizagem da leitura literária dos alunos do 6º ano.

Em relação ao ensino da língua portuguesa e da literatura, totalmente centrado nos gêneros textuais, podemos tecer algumas considerações. Neide Rezende, comentado em artigo científico sobre o que se ensina hoje quando se ensina literatura, considera que os conteúdos discriminados do 6º ao 9º ano, do ensino fundamental, são predominantemente centrados na história da literatura: “A história da literatura centrada no nacionalismo literário é de longe a perspectiva dominante no ensino da literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras dos cânones” (REZENDE, 2013, p. 101). Além do mais, ela nos alerta de que “nas últimas quatro décadas a entrada das teorias linguísticas no âmbito do ensino abalou concepções arraigadas, como a gramática normativa como conteúdo único de língua portuguesa no ensino básico” (REZENDE 2013, p. 100). Rezende mostra preocupação com o fato de que anulando o ensino da gramática tradicional, o novo modelo instaurado pelas teorias linguísticas tornou quase hegemônico a vertente da “teoria dos gêneros”. Ela critica o uso exclusivo dos gêneros textuais para ensinar todos os conteúdos de escrita e leitura, nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental.

Além de Rezende, também outros autores já discutiram a questão do uso dos gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa e literatura em sala de aula, no Ensino Básico. Charles Bazerman (2011, p. 23, grifo do autor) afirma que “gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído”. Destarte, podemos perceber que os dois autores defendem uma linha diferente sobre adotar o estudo dos gêneros textuais em sala de aula. Rezende tem postura contra, enquanto Bazerman considera que os gêneros

textuais são essenciais, uma vez que proporcionam uma vivência mais concreta de aprendizagem para os alunos.

Aproveitando um determinado gênero textual, que pode ser uma receita culinária, uma crônica, um artigo de opinião, uma reportagem de jornal e até mesmo um poema, são ensinados os conteúdos gramaticais, morfologia, fonética, sintaxe, leitura e escrita, e na maioria das vezes, depois do texto não aparecem exercícios nos livros didáticos cobrando uma interpretação induzida do conteúdo do texto. Enquanto ao trabalhar com livros de contos, novelas, romances, o professor pode trabalhar atividades de interpretação sem estar restrito ou permanecer tolhido pelos livros didáticos e seu conteúdo limitado.

Para análise dos livros didáticos selecionados, adotou-se alguns autores e obras. Luciano Amaral Oliveira, com a obra *Coisas que todo professor de português precisa saber a teoria na prática*, norteou todo o trabalho de análise dos livros didáticos. Nesta obra, Oliveira explica muito bem, através de diversos critérios que podemos utilizar para a referida análise, abordando objetivo, público-alvo, realização da atividade, clareza das instruções, relevância pedagógica, familiaridade dos alunos com tema e gênero textual.

Outro livro relevante para o estudo teórico dos livros didáticos se intitula *Leitura de Literatura na Escola*, organizado pelas professoras Maria Amélia Dalvi, Neide Luzia de Rezende e Rita Jover-Faleiros, cujo conteúdo está dividido em vários artigos. Interessam acima de tudo, pelo menos quatro desses artigos científicos: “Aspectos metodológicos do ensino da literatura”, de Annie Rouxel; “O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino”, de José Hélder Pinheiro Alves; “O ensino de literatura e a leitura literária”, de Neide Luzia de Rezende e, por último, “Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura”, de Robson Coelho Tinoco. Esses quatro artigos foram lidos e selecionados por tratarem de uma mesma temática na qual está centrado o nosso estudo: conteúdos pertinentes para melhorar o ensino de literatura em sala de aula, na escola básica, mais especificamente nas turmas de 6º e 7º anos.

O terceiro autor relevante em nossa pesquisa é Vincent Jouve e sua obra intitulada *Por que estudar literatura?*, O autor considera os currículos de ensino na escola básica sobrecarregados, sem destinar tempo adequado para a leitura de textos literários clássicos ou até mesmo contemporâneos, porque a literatura tem um valor específico que confere legitimidade aos estudos literários, porque o confronto com as obras enriquece nossa existência ao abrir os campos dos possíveis (JOUVE, 2012, orelha).

No segundo capítulo do livro de Vincent Jouve, ele questiona se a literatura existe e essa questão também é o cerne de nosso estudo, em razão da invisibilidade da literatura nos livros didáticos de Língua Portuguesa, questionamento que direcionou todo o nosso trabalho, sendo o problema a ser discutido em todos os capítulos, do qual temos a hipótese de que nos livros didáticos selecionados vamos confirmar que a literatura não existe como deveria existir.

4 UMA ABORDAGEM SIGNIFICATIVA DO TEXTO LITERÁRIO

Despertar e desenvolver o interesse do aluno para a leitura da literatura tem sido uma das grandes preocupações e desafios dos professores de língua portuguesa. Sabe-se que a literatura no ensino fundamental é estudada dentro da disciplina de língua portuguesa, de forma assistemática, não se configurando uma disciplina, como no ensino médio. O livro didático é um dos instrumentos pedagógicos mais utilizados, portanto, o grande desafio é mediatizar a relação entre o aluno e o texto literário, e integrar língua e literatura, favorecendo a formação do leitor crítico, atuante dentro e fora da sala de aula e contribuindo para a formação de um cidadão sabedor de seus direitos e deveres.

A leitura é o principal processo na aula de literatura Lajolo (1988, p. 96-97) destaca sobre a importância do ato de ler, ressaltando a construção de significados através da leitura, modificando o estudo da literatura “na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras”. Destarte, a literatura é arte e se realiza através da linguagem, para isso, a escola tem um papel importante, propondo estratégias e ações pedagógicas que estimulem a leitura, para que assim, o aluno torne-se leitor, sensibilizando-o para a importância da percepção do literário. O problema do estudo da literatura já inicia na falta ou pouca leitura, abrindo um questionamento sobre a possibilidade de transmissão/apreensão e da interação leitor/obra. A literatura consiste em como receber, perceber e sentir o texto literário, com suas características próprias e particulares.

O texto literário deve ser trabalhado de diversas formas, não só em sala de aula, mas fora dela também. Sendo que o tempo para se trabalhar em sala de aula é muito curto, e para que o aluno sinta a importância do texto literário em seu cotidiano, para que realmente ocorra a fruição e a construção do sentido, antes, o aluno precisa de um despertar para que se torne um leitor assíduo. Entretanto, vale lembrar que o professor não pode privilegiar o ensino da língua em detrimento do ensino da literatura.

Assim sendo, procura-se aliar tecnologia, histórias em quadrinhos e leitura da literatura, pois verifica-se dia a dia, que a televisão, o videogame e a internet são mais atrativos do que os livros, dada a facilidade e a importância que os alunos dão à tecnologia, principalmente em computadores e celulares, o que proporciona bons trabalhos realizados por eles mesmos. A partir de textos literários trabalhados em sala de aula, através do livro didático, com atividades que supervalorizam a gramática, com roteiros que vêm prontos, os exercícios visam somente a busca da informação, esquecendo do texto em si.

Pretende-se realizar atividades que não trabalhem o texto como pretexto, e sim, trabalhem o texto literário no seu contexto e intertextualidade, mostrando para os alunos e fazendo-os perceber que o conhecimento vem com as leituras, leituras de outros textos, que em algumas vezes podem se inter-relacionar em estrutura, linguagens, gêneros ou que têm praticamente o mesmo sentido, notando as semelhanças e/ou diferenças presentes no texto. Assim, torna-se mais fácil a compreensão do texto literário como objeto de estudo. Para que isso ocorra da melhor maneira possível deve-se trabalhar o texto literário de acordo com a realidade do aluno, associando o mundo criado, texto; com o seu mundo conhecido, realidade.

A partir da percepção e sensibilidade do professor, as suas aulas se tornarão mais atrativas, agradáveis, interativas e interessantes, e melhor, o alunos se tornarão leitores regulares e críticos, com gosto pela literatura. Há diversas linguagens e diversos recursos que o professor pode utilizar com os seus alunos. A partir de um único texto literário, pode-se trabalhar com outros tipos de arte, como o teatro, a música, a pintura, a foto e tantos outros. Como também, questões sociais, valores, costumes e crenças de uma determinada sociedade, oportunizando aos alunos a convivência com as mais variadas manifestações de arte da linguagem.

Nossa proposta consiste no ensino de literatura que promova a instrução cognitiva, afetiva e social aliada à tecnologia e à criatividade. O aluno deve e precisa ler, compreender, constituir relações, participar, escrever, fazer inferências. A intenção é processar um trabalho de literatura com eficácia, conscientizando os alunos da valorização do ato de ler e da importância da literatura para adquirir conhecimento próprio e do mundo. A partir disso o próprio aluno irá buscar novos ambientes de aprendizagem e requerer um diálogo com o texto, fazendo-o estabelecer interpretações diversas, procurando expressar-se, instaurando a interação com o texto e construindo significados.

Sabendo que a leitura confere prestígio, verifica-se a importância de investir nesse processo, criando estratégias para o ensino da literatura, visto que, algumas vezes a leitura exige um ato solitário e a criança prefere mais as atividades em grupo.

A proposta foi aplicada em uma escola pública estadual de ensino fundamental do município de Rio Branco, Estado do Acre. Em uma turma de 6º ano, com faixa etária que compreende de 10 a 12 anos, idade em que segundo Filipouski (1988, p. 111) já se encontra na fase de leitura informativa ou factual, visto que, o pré-adolescente já passa a entender a sua realidade, lendo textos mais extensos e complexos, apurando sua criticidade. O texto “A

menina e as balas” foi selecionado nessa atividade, pois foi o que estava sendo trabalhado com os alunos no momento, seguindo a sequência do livro didático.

4.1 Apresentação do Texto do Livro Didático

A MENINA E AS BALAS - Georgina Martins

Todos os dias a menininha estava lá: vendia doces na porta de uma lanchonete, perto de uma pracinha, onde brincam quase todas as crianças da redondeza. Mas ela não brincava, só vendia doces. Mesmo porque ela não era moradora do bairro. Sempre chegava por volta das quatro da tarde e ficava até os doces acabarem. Nos finais de semana ela chegava mais tarde, mas nunca faltava. Devia ter uns oito anos e, às vezes, distraía-se olhando as crianças brincarem.

Quando eu era menina, queria ter uma fábrica de doces só para poder comer todos os doces que eu quisesse; naquela época eu era muito pobre, e quase nunca sobrava dinheiro lá em casa para comprar doces. A menininha não comia nenhum. Ficava lá até vender todos. Será que algum dia ela já desejou ter uma fábrica de doces só pra ela?

Todas as vezes que eu passava por ela pensava nessas coisas. Eu também desejava ter uma fábrica de leite condensado, só para poder furar todas as latinhas que quisesse. Eu sempre gostei de furar latinhas de leite condensado, e quando sobrava algum dinheiro lá em casa, minha mãe dava um jeito de comprar uma latinha de leite condensado. Mas, como ela não sabia cozinhar, nunca preparava nada com as latinhas, e eu furava todas, sempre escondido dela, que fingia não saber.

Eu nunca pensava em vender os doces das fábricas dos meus sonhos, só pensava em comê-los. Acho que os doces não foram feitos para serem vendidos por crianças, foram feitos para serem comidos por elas. Mas aquela garotinha não comia nenhum, mesmo quando não conseguia vendê-los.

Um dia, resolvi perguntar se ela não tinha vontade de comê-los, e ela me respondeu que seu irmão menor trabalhava em uma mercearia e que também não podia comer nada sem pagar. Ela me disse que os doces não eram dela: ela os pegava em uma lojinha em Japeri, perto de sua casa; no final do dia, acertava as contas com o seu Alberto, o dono da loja. Adorava chupar balas e queria muito ter bastante dinheiro para poder comprar um monte de uma vez. Mas não tinha. Nem tinha pracinha perto da casa dela, mas achava ótimo poder brincar com as amigas na rua mesmo.

Uma noite, quando eu voltava do cinema, passei pela menina e percebi que ela estava com muito sono, quase cochilando; a lanchonete já ia fechar e ela ainda tinha alguns doces na caixa. Eu tinha acabado de assistir a um filme sobre crianças, um filme iraniano que eu adoro e que foi um dos filmes mais bonitos que eu já vi: chama-se Filhos do paraíso, e conta a história de dois irmãos, um menino e uma menina; o menino perde o único par de sapatos que a irmã possuía e os pais deles não têm como comprar outro. Acho que todas as crianças do mundo deveriam assistir a esse filme.

Contei o dinheiro que eu tinha na bolsa e cheguei à conclusão de que dava para pagar todos os doces que ainda restavam. Depois de ver um filme como aquele, eu achava impossível deixar uma menininha daquelas cochilando no meio da rua, numa noite fria.

– Olhe só, vou lhe dar esse dinheiro. Dá pra comprar todos os doces que você tem aí, e você não precisa nem me dar os doces, pode ficar com eles e vendê-los amanhã. Ela me olhou sem entender direito e disse que eu tinha que levar os doces.

– Mas, menina, é a mesma coisa: você ganha o dinheiro e ainda fica com os doces; é muito melhor pra você...

– Melhor nada, minha mãe diz que eu não posso voltar pra casa enquanto não vender tudo.

– Mas você vai vender, vai levar o dinheiro que levaria se tivesse vendido tudo.

– Tia, você não entendeu, eu não posso voltar com doce pra casa, senão eu apanho da minha mãe e do meu padrasto. Preciso ajudar em casa, minha mãe trabalha muito, lá em casa tem muita gente pra comer, tenho seis irmãos... é por isso que eu vendo doces.

– Já entendi, mas eu só estou querendo lhe ajudar, você leva o dinheiro e ainda sobra doce pra amanhã.

– Mas não pode sobrar nada, minha mãe falou. Por que a senhora não quer levar os doces?

– Pra ajudar você! Amanhã, quando você for lá na loja do seu Alberto, você vai precisar comprar menos doces e vai ter mais dinheiro.

– Não, tia, não é assim. Eu não estou pedindo o seu dinheiro, estou vendendo doces e tenho que vender tudo, minha mãe falou. Por favor, leva os doces.

– Minha querida, vou lhe explicar direitinho: eu vou lhe pagar por todos os doces que tem aí, mas não vou levá-los, assim você vai poder vendê-los pra outras pessoas.

– Tia, você não entende mesmo, hein? Minha mãe vai brigar comigo, ela fica muito braba quando eu faço alguma besteira. Já falei que ela disse que eu não posso voltar com nada pra casa. O meu padrasto, quando eu chego em casa, faz as contas e quando sobra doce ele me bate. Ele sempre conta quanto dinheiro tem e tem que ter tudo certinho.

Percebi que não adiantava nada tentar convencê-la, ela já estava ficando nervosa de tentar me explicar o seu problema. Dei-lhe o dinheiro e tive que levar todos aqueles doces, que ela, rapidamente, enfiou em minha bolsa.

Ao ver-se livre deles, seus olhinhos brilharam de contentamento e ainda pude ouvi-la falando sozinha, muito indignada com a minha pouca compreensão a respeito do seu problema:

– Que tia burra, não entende nada de vender doces. Vai ver que ela nunca trabalhou, porque nem sabe fazer conta!

MARTINS, Georgina. *No olho da rua - historinhas quase tristes*. São Paulo: Ática, 2003. p. 36-43.

4.2 A Ideia do Gênero Histórias em Quadrinhos

Considerando, primeiramente, um outro gênero textual, as histórias em quadrinhos (HQ's), diferente do gênero texto, apresentado no livro didático. A faixa etária da turma de 6ºano, de 10 a 12 anos deixa claro seu gosto pela leitura de histórias em quadrinhos, os famosos gibis, é evidente, dados estes, observados em minhas aulas. Assim, percebe-se muitas vezes, que eles gostam de ler muito mais fora da escola, já que esse tipo de material não é encontrado dentro da escola com frequência, muitas vezes interdito por ela, e nem podem estar lendo nas aulas de língua portuguesa, visto que, já existe um cronograma de conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano e que precisa ser cumprido pelo professor, e conseqüentemente, pelos alunos.

A leitura das HQ's é assídua, porque é um material que confere aos alunos o lúdico, o dinamismo e a linguagem é mais acessível. Eles visualizam e ao mesmo tempo, automaticamente já realizam uma interpretação da combinação de palavras com desenhos, que as HQ's permitem, assim, trazem benefícios para aprendizagem dos alunos.

A partir de então, ocorreu a transformação do texto do livro didático, “A menina e as balas”, em histórias em quadrinhos, todo criado e diagramado na ferramenta CorelDRAW Graphics Suite X6, versão 16 , que oportuniza a edição e criação de imagens digitais que foram produzidas em um tempo de aproximadamente quatro horas.

Figura 3 – O texto do livro didático “A menina e as balas” em quadrinhos



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

As histórias em quadrinhos têm muito a contribuir para a vida dos alunos. Não podem ser utilizadas como uma forma de ludibriar, mas sim como um atrativo que possibilite aos alunos a ampliação de sentidos das histórias, textos e obras lidas. O gênero dos quadrinhos está presente no dia a dia das pessoas, desde os famosos gibis até as ilustrações em jornais, perpassando por todos os ambientes sociais, com histórias que aparentemente são inocentes, mas que têm um grande cunho social crítico.

4.3 A Ideia e a Criação do *Blog*

A ideia do *blog* surgiu especificamente para o estudo da literatura, designadamente para estudarmos os textos literários contidos no livro didático do 6º ano do ensino fundamental, trabalhados com os alunos do referido ano, e também em promover a inclusão social através dessa ferramenta tecnológica e social, estimulando a leitura e a escrita e como consequência, o gosto pela literatura. O objetivo é averiguar em que grau tal tecnologia influencia o aprendizado educacional e colabora para a efetivação e solidificação da leitura literária no ensino fundamental do 6º ano. Além da promoção de inclusão social, são educandos que já nascem sendo chamados de “geração digital”, visto que nasceram conectados à internet, num contexto de informações múltiplas, e, por conta disso, apresentam uma conduta diferente da geração anterior. Para Araújo et. al. (2007, p. 36), a Internet provoca novas formas de utilizar a linguagem, gerando novos gêneros e suportes, como o *blog*. Sendo assim, foi criado um *blog*, na plataforma gratuita do *Google* (www.blogger.com) denominado profKarennaliteratura, no endereço (www.profkaren99.blogspot.com), com a participação de aproximadamente cerca de 40 alunos, além dos visitantes e internautas. Para um primeiro contato com a ferramenta, os alunos criaram um e-mail no *Google* (www.gmail.com) para navegarem no *blog*, visualizando assim, as histórias em quadrinhos participando desse ambiente virtual. A partir disso, afirma Moran (2011), poderão ser verificados os interesses dos alunos, o que os motiva a instruir-se e os ambientes que conhecem. Essa geração é movida por coisas novas, ela precisa estar em constante novidade e criatividade. Os professores precisam estimular seus alunos e não precisam temer o novo. Os PCN (2006) abordam “a discussão sobre a incorporação das novas tecnologias na prática de sala de aula é muitas vezes acompanhada pela crença de que elas podem substituir os professores em muitas circunstâncias”. Tanto dentro como fora da sala de aula, como se a máquina fosse substituir o homem. Algo que na realidade, precisa ser superado, além do ensino tradicional. Para isso se faz necessário um plano de trabalho que esteja de acordo com a realidade individual e social

do aluno. O *blog* é uma atividade de despertamento e de interesse dos educandos que irão se constituindo e se fazendo um sujeito leitor, escritor, ator, crítico e usuário de ferramenta da internet, sentindo-se importante, atuante e questionador e encontrando diversas possibilidades dentro de um único texto.

Figura 4 – O blog ProfKarenaLiteratura



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

4.4 O *Blog* e as Histórias em Quadrinhos

Nesta parte, foi realizado o casamento de uma ferramenta da internet, o *blog*, e o gênero textual, as histórias em quadrinhos, dois instrumentos que os estudantes gostam e utilizam com certa frequência, para que assim haja a inserção do texto literário e seu estudo efetivo, levando em conta a adequação dessa metodologia à realidade dos alunos. A literatura em histórias em quadrinhos em consonância com uma ferramenta da internet possibilitará ao aluno, a inclusão digital, pontuando um trabalho mais interativo e dinâmico. Portanto, o ensino foi revitalizado com critério e bom-senso, visando promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do aluno, através da leitura crítica do texto literário.

É somente através da literatura, com toda a sua sensibilidade, percepção e criatividade, que compreendemos a nossa realidade e a realidade dos outros, conhecendo vidas e pessoas, seus problemas e as dificuldades que envolvem as relações humanas. A partir dessa dinâmica de conhecimento, compreensão e comparação é que ocorre um maior conhecimento de si próprio, devido à identificação com a obra literária. Como por exemplo, a criança quando lê ou ouve um conto de fadas, ela viaja junto e dá asas a sua imaginação, ela já mentaliza e constrói o cenário, com personagens e inicia o desenrolar dos fatos relatados pela história, desencadeando diversos sentimentos e expondo dificuldade, anseio, medo, problema, alegria e muitas vezes, a partir disso, ela cria mecanismos de superação, organizando e/ou reorganizando seu mundo interior, para então, melhorar o seu mundo externo.

Talvez isso aconteça não de imediato, na realidade, é um processo em que percebemos que o que aprendemos na escola, não seja para a escola, e sim, para a vida tendo um impacto mais à frente. A criança quando tem fluidez para a leitura, se destaca pela forma de argumentar, se comunica com mais autonomia, seus textos são diferenciados, pela objetividade, clareza, coerência e seguem uma sequência lógica.

O objetivo maior foi de valorização da literatura e que os alunos lessem o texto literário, de uma outra forma, na perspectiva de um outro gênero textual, a história em quadrinhos, para que se tornasse mais interessante, já que como foi dito anteriormente, é um gênero que eles gostam e dominam. Os quadrinhos agregam imagens e palavras, ou melhor, palavras com desenhos. Assim sendo, eles irão trabalhar outras habilidades além da leitura, mas também a interpretação, a escrita, a criticidade, a interação e a criatividade. Além do mais, eles podem se colocar na história, tomar posição e contextualizarem naquele texto a sua história, buscando a humanização e a sensibilidade que o texto literário oferece. Assim,

através do *blog* o aluno seria instigado a ler, compreender, interpretar, escrever, questionar e se posicionar.

Na primeira etapa, trabalhou-se o texto literário com as atividades propostas no livro didático, a gramática em si, dentro da sala de aula, conforme solicitado no próprio livro. Foi proporcionado espaço aos alunos com textos do gênero conto, ressaltando características, personagens, espaço, tempo e ambiente, abrindo um leque de situações, levando-os a refletir sobre aquela história. Na segunda etapa, ainda dentro da sala de aula, foi realizada uma discussão preliminar, sobre a importância da leitura, da leitura da literatura, suas relevâncias, realizando um trabalho de sensibilização e também, a criação de e-mails dos alunos no laboratório de informática da escola e apresentação do *blog*.

Logo em seguida, a terceira etapa foi realizada, fora da sala de aula, através da participação ativa dos alunos no *blog*, com o mesmo texto do livro didático e previamente conhecido. Nessa etapa, o estudo literário foi mais aprofundado, visualizando a manifestação dos alunos, as necessidades detectadas e os objetivos já estabelecidos, respeitando faixa etária, conhecimento prévio do aluno, escolaridade. Ainda nessa etapa, o texto, especificamente o conto, foi retirado do livro didático, ora analisado. A partir disso, ocorreu a transformação do conto em história em quadrinhos, para a execução da proposta.

O *blog* foi um lugar de uma leitura somatória daquele texto, já visto em sala de aula, sensibilizando-os para a leitura literária, desenvolvendo a capacidade de ler e escrever, favorecendo a criticidade, fazendo-os buscar o autoconhecimento e os motivando a conhecer, avaliar e tentar melhorar a sua realidade.

O *blog* se revelou um espaço de exposição de dúvidas, questionamentos, discussões e análise, relacionando coerentemente a história com os seus conhecimentos prévios. A condução da atividade inicial cabe ao professor, ajudando os alunos a superarem dificuldades já vistas em sala de aula. Talvez seja uma atividade trabalhosa e que demande algum tempo, mas foi possível perceber, enquanto professora que só assim podemos visualizar uma comunidade de leitores assíduos, que assim o aluno perceberá o engajamento, o trabalho, e o estímulo da leitura por parte do professor e corresponderá de forma positiva.

Após, eles foram aos poucos e gradativamente debatendo o texto literário em forma de história em quadrinhos e cada um participou de acordo com os seus conhecimentos prévios, contextualizando, com a sua realidade e expondo suas opiniões e ideias, através da produção escrita. Na quarta etapa foi possível detectar as dificuldades, os anseios, as expectativas de cada um, a partir da relação obra literária e realidade.

A atividade em sala de aula durou seis aulas e, fora da sala de aula, a duração depende de algumas questões, como o envolvimento e a participação de cada um dos alunos, entretanto, esse tempo indefinido não é contado como aula dada. Como dito anteriormente, o *blog* serve como extensão da sala de aula. Apesar de todos terem participado e contribuído de alguma forma, o resultado ocorreu em um evento significativo, sendo divulgado continuamente, já que o acesso é pela internet, não limitado somente à professora e aos alunos.

O *blog* está disponível para toda a comunidade escolar, família, amigos, internautas e quem mais tiver interesse. É um espaço acessível a quem quer que seja e com as exposições dos próprios alunos gravadas. Segundo Bagno (2000, p. 33), o destaque sempre será o aluno, através de suas contribuições, para que se sinta responsável pelo o que ele realizou. A avaliação ocorreu de forma contínua e sistemática, observando o desempenho individual do aluno, sua participação e interação com os demais, disponibilidade e responsabilidade, bem como a superação diante as dificuldades.

Figura 5 – O conto em quadrinhos

Visualizar meu perfil completo

VAMOS TRABALHAR AGORA O MESMO CONTO EM QUADRINHOS

A MENINA E AS BALAS

Todos os dias a menininha estava lá vendendo doces na porta de uma lanchonete, perto de uma praçinha, ...

... onde brincam quase todas as crianças da redondeza. Mas, ela não brincava, só vendia doces. Mesmo porque ela não era moradora do bairro.

Sempre chegava por volta das quatro da tarde e ficava ali os doces acabarem. Nos finais de semana ela chegava mais tarde, mas nunca faltava.

Devia ter uns oito anos de idade e, às vezes, distraía-se olhando as crianças brincarem.

Arquivo do blog

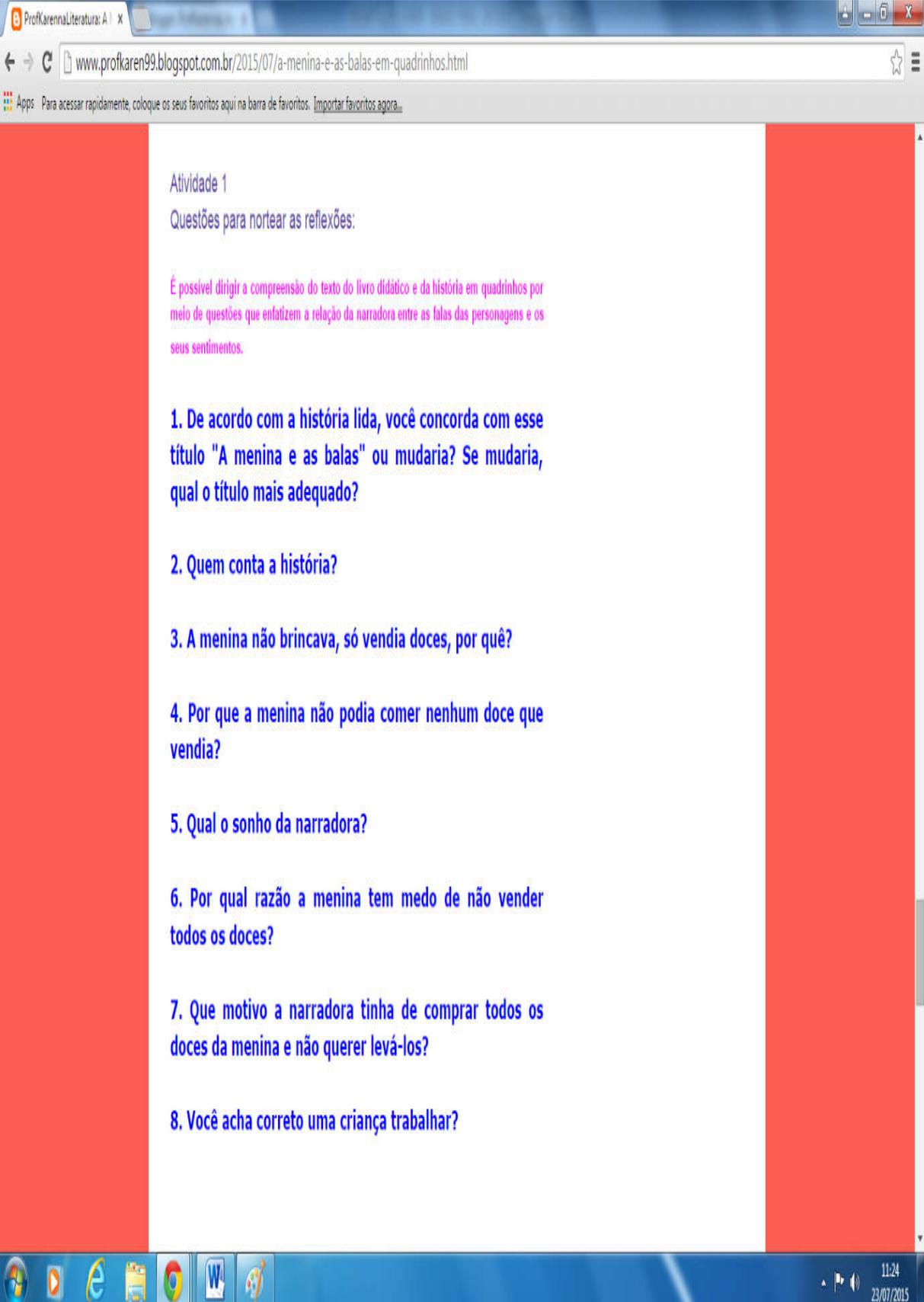
- 2015 (5)
 - Julho (4)
 - APRENDENDO LITERATURA NO BLOG
 - PRINCÍPIO 9 DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA ...
 - A MENINA E AS BALAS EM QUADRINHOS
 - O CONTO "A MENINA E AS BALAS"
 - Junho (1)

lanchonete

22:52
19/07/2015

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Figura 6 – Questões das histórias em quadrinhos – Atividade 1



ProfKarenaLiteratura: A | X

www.profkaren99.blogspot.com.br/2015/07/a-menina-e-as-balas-em-quadrinhos.html

Apps Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. [Importar favoritos agora...]

Atividade 1

Questões para nortear as reflexões:

É possível dirigir a compreensão do texto do livro didático e da história em quadrinhos por meio de questões que enfatizem a relação da narradora entre as falas das personagens e os seus sentimentos.

1. De acordo com a história lida, você concorda com esse título "A menina e as balas" ou mudaria? Se mudaria, qual o título mais adequado?
2. Quem conta a história?
3. A menina não brincava, só vendia doces, por quê?
4. Por que a menina não podia comer nenhum doce que vendia?
5. Qual o sonho da narradora?
6. Por qual razão a menina tem medo de não vender todos os doces?
7. Que motivo a narradora tinha de comprar todos os doces da menina e não querer levá-los?
8. Você acha correto uma criança trabalhar?

11:24
23/07/2015

Figura 7 – Princípio 9 da Declaração dos Direitos da Criança da ONU – Atividade 2

↑ DA LEI ABAIXO, VAMOS TRABALHAR COMO
PRINCÍPIO 9

↑ Declaração dos Direitos da Criança - 1959

Princípio 9

A criança gozará de proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma.

Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Atividade 2

1. A Lei da Declaração dos Direitos da Criança Princípio 9, apoia ou não a menina em trabalhar?
2. Relacione a história do conto e a Lei acima, e escreva se você conhece alguma criança que trabalhe? Você acha certo uma criança trabalhar? E você com a idade que tem trabalharia?

2015 (5)

Julho (4)

APRENDENDO LITERATURA NO BLOG

PRINCÍPIO 9 DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA...

A MENINA E AS BALAS EM QUADRINHOS

O CONTO "A MENINA E AS BALAS"

Junho (1)

21:28
22/07/2015

Figura 8 – Aprendendo literatura no *blog* - Atividade 3

sábado, 18 de julho de 2015

APRENDENDO LITERATURA NO BLOG

ATIVIDADE 3

1. Qual final você daria para a história "A menina e as balas"?

- A menina continuaria trabalhando.
- A menina pararia de trabalhar.
- A menina fugiria de casa.
- A menina só estudaria.
- A menina denunciaria os pais.

Ou que outra opção você daria, além das opções que estão acima.



Quem sou eu

ProfKarenaLiteratura

[Visualizar meu perfil completo](#)

Arquivo do blog

2015 (5)

Julho (4)

APRENDENDO LITERATURA NO BLOG

PRINCÍPIO 9 DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA ...

A MENINA E AS BALAS EM QUADRINHOS

O CONTO "A MENINA E AS BALAS"

Junho (1)

<https://www.blogger.com/profile/01597099770090178871>

4.5 Sequência Didática

		Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental do Município de Rio Branco		
Prof. ^a Karen Fernanda Pinto de Lima				
DISCIPLINA: Língua Portuguesa TURNO: Vespertino Ano: 6º Turma: A CARGA HORÁRIA: 06 aulas DATA: 15/05, 18/05 e 20/05/2015				
Objetivos / Capacidades	Conteúdos	Propostas de atividades	Formas de avaliação	Recursos:
<p>Compreender que através da leitura de um texto e das histórias em quadrinhos no <i>blog</i> se requer posição pessoal de cada leitor que colabora para mostrar o grau de compreensão;</p> <p>Interpretar a vida uma vez que cada sujeito mantém alimentadas suas convicções resultantes a cultura específica do sujeito, cuja singularidade única o categoriza e revela seu nível cognitivo;</p> <p>Reconhecer o papel do diálogo dentro de um texto narrativo; Estimular a curiosidade dos alunos; Instigar a leitura e a escrita, através dos meios digitais;</p>	<p>Leitura e análise do conto "A menina e as balas", de Georgina Martins.</p> <p>Gênero narrativo;</p> <p>Leitura e escrita digital</p> <p>Substituição do texto por histórias em quadrinhos, através de um <i>blog</i>.</p> <p>MATRIZ DE REFERÊNCIA/ LÍNGUA A PORTUGUESA – 6º ANO</p> <p>Descritores:</p>	<p>Aula 01 – LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS</p> <p>Texto – A menina e as balas - Por Georgina Martins, publicado no livro didático</p> <p>1.Ler e compreender o texto e vocabulário no livro didático.</p> <p>2. Analisar as atividades propostas no livro.</p> <p>Aula 02 – LEITURA E INTERPRETAÇÃO</p>	<p>Aferir o desempenho dos alunos por meio da participação e interesse nas atividades propostas;</p> <p>Observação, registro e análise do desenvolvimento das habilidades do aluno no uso da linguagem escrita: pertinência das respostas; coerência nas ideias apresentadas, aprofundamento do conteúdo apresentado.</p> <p>Acesso ao <i>blog</i> e interação dos alunos</p>	<p>Quadro branco e pincéis;</p> <p>Livro didático;</p> <p>Computador;</p> <p>Internet;</p> <p>Celular;</p> <p>Texto;</p> <p>Histórias em quadrinhos;</p> <p><i>Blog</i></p>

<p>Desenvolver a competência leitora dos alunos frente a textos literários; Abordar as relações entre forma e conteúdo;</p> <p>Permitir aos estudantes a compreensão do gênero literário conto;</p> <p>Abordar de maneira lúdica o gênero textual histórias em quadrinhos;</p> <p>Saber que a linguagem é o fio que liga a palavra ao pensamento, carregando em si a simbologia existente na imaginação.</p>	<p>D1 – Localizar informações explícitas em um texto;</p> <p>D2 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão em um texto;</p> <p>D3 - Inferir uma informação implícita em um texto;</p> <p>D5 - Ler e interpretar o texto com auxílio de material gráfico diverso (propaganda, quadrinhos, foto, tirinha, tabela, gráfico, mapa, figura, etc.);</p> <p>D6 - Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros;</p> <p>D7 - Identificar o gênero de um texto a partir de seus elementos constitutivos;</p> <p>D8 - Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema;</p> <p>D11 - Estabelecer relação causa/consequência entre</p>	<p>DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BLOG</p> <p>1.Direcionar a compreensão do texto, transformado em histórias em quadrinhos no <i>blog</i> por meio de questões que enfatizem a relação entre a narradora e as falas das personagens e os seus sentimentos.</p> <p>2.Relacionar a história em quadrinhos com o princípio 9 da Declaração dos Direitos da Criança da ONU (1959);</p> <p>3.Analisar os comentários, questionamentos e críticas realizadas pelos alunos no <i>blog</i>.</p> <p>Aula 03 – PRODUÇÃO TEXTUAL DO</p>	<p>com a participação proposta;</p> <p>Análise do texto no formato de histórias em quadrinhos;</p> <p>Coerência nas ideias apresentadas;</p> <p>Debater os questionamentos elencados.</p>	
--	---	--	---	--

	partes e elementos do texto D32 - Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa; D35 - Reconhecer a adequação de uma legenda atribuída a uma imagem ou símbolo.	CONTO NO BLOG 1. Escrever no <i>blog</i> um final alternativo para o conto “A menina e as balas”		
--	---	--	--	--

Referências:

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris:** Português / Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. – 1. ed. – São Paulo: Ática, 2012. (Projeto Teláris: Português).

ONU. Declaração Universal dos Direitos das Crianças. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em: 25 jun. 2015.

5 ANÁLISE DE DADOS

A proposta alternativa de ensino da leitura da literatura, com outro viés, tendo como base a leitura do texto literário contido no livro didático, transformado e adaptado a outro gênero, as histórias em quadrinhos, em conjunto com as Tecnologias da Informação e Comunicação, mostrou-se uma excelente experiência para motivar os alunos de forma positiva para ler e escrever mais. Com isso, a cada texto, foram introduzidas outras histórias em quadrinhos com personagens e ambientes diferentes e assim se promoveu a familiaridade com as tecnologias, deste modo, realizando essa mescla para um aprendizado mais significativo, dinâmico, possibilitando ao aluno mais conhecimento, um posicionamento crítico, buscando, no sentido e no ato de pesquisar, sugestões, opiniões e críticas a respeito do assunto ora estudado. Logo, o aluno se percebeu motivado, sensibilizado, buscou alternativa de atuação, visualizando e considerando a importância da literatura em seu mundo, compreendendo a realidade com criticidade. Após essa experiência, ele não se limitou a questionamentos rasos e sem relação com a sua realidade, uma vez que foi acumulando novas experiências para lidar com as adversidades do cotidiano.

Em consonância com Antunes (2010, p. 160), o professor deve estimular e valorizar cada tentativa e conquista do aluno para que ele tenha disposição de tentar escrever bem, ainda que “sob o risco da incompletude e da imperfeição”. Isto ocorre quando se deseja e favorece a autoconfiança individual na conjuntura educacional, em consonância à realidade dos alunos do Ensino Fundamental, os quais ampliam um tipo de conduta e um conjunto de identidade, no que diz respeito ao ambiente que ocupam na sociedade, como nas relações que formam com o mundo adulto (BRASIL, 1998). Convém reforçar que esta prática de criação, desenvolvimento e utilização implicou a aproximação do aluno com a professora e dos alunos com seus colegas, estimulando a compreensão e reflexão sobre a leitura e a escrita de textos literários, transformado em histórias em quadrinhos, inter-relacionado com outros textos e contextualizado com o meio em que o aluno vive. Além disso, o propósito de incentivar o trabalho em grupo pode auxiliar em atividades envolvendo outros gêneros textuais a serem estudados posteriormente, como já foi mencionado.

Desse modo, ao fortalecer ligações com os alunos por meio do *blog*, procurou-se fortalecer a educação, pois, segundo Libâneo (1992), o professor necessita conhecer e trabalhar com as novas ferramentas disponíveis na internet, aproveitando e aplicando os recursos disponíveis no ciberespaço, uma vez que se trata de uma tarefa de fundamental

importância do educador, a fim de administrar o trabalho docente de forma expressiva e acolhedora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura, mesmo inserida na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, ainda não pode ser vista e encarada como uma aliada, de participação integral, na formação de leitores. O atual processo de leitura da literatura ainda não tem propiciado um aproveitamento adequado da Literatura como área de conhecimento autônoma, já que, muitas vezes, os livros didáticos priorizam somente o ensino da gramática, da análise sintática dentro da disciplina de língua portuguesa. O ensino da literatura ou pelo menos a abordagem que tem sido dada a ela vem diminuindo cada vez mais. Por isso, faz-se necessário um destaque maior e mais significativo de novas propostas de práticas pedagógicas de leitura, compreensão e interpretação de textos e obras literárias.

O professor precisa ter a consciência de que faz parte de sua função organizar materiais que oportunizem aos seus alunos uma relação de maior proximidade com o texto, verificando, valorizando e respeitando os saberes, vivências e contribuições de seus alunos, para que a partir disso ocorra a construção de seus próprios conhecimentos. O professor contemporâneo precisa atualizar-se, aperfeiçoar-se e se adequar às mais diversas formas de tecnologias e estar ligado às redes sociais e às tecnologias educacionais, para que melhore sua metodologia, seus objetivos e suas formas de avaliação. Deste modo, refletir sobre a formação de leitores literários denota reavaliar as formas de organização do ensino diante de uma realidade que está em constante transformação.

Diante de análises feitas em torno dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental das Séries Finais, verificou-se que apesar desses documentos abrirem novas perspectivas, estimulando a formação e a participação crítica dos alunos, essa proposta fica só na teoria e não sai do papel. Os professores parecem temer as tecnologias ou as escolas continuam carentes de equipamentos tecnológicos. Nas escolas da França, desde 1997, todas as carteiras em sala de aula são equipadas com computadores e os alunos nem utilizam mais cadernos pautados.

Este trabalho visou a reflexão sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação em conjunto com as histórias em quadrinhos, no âmbito do ensino e da aprendizagem da leitura da literatura. Para isso, utilizou-se a leitura de diversos livros e artigos que tratam do tema proposto como embasamento teórico.

As novas tecnologias têm um papel primordial nas transformações de um novo pensar e fazer pedagógico, na quebra de barreiras e paradigmas para que professores e alunos possam aprender, ensinar, trabalhar com o saber e gerenciar a informação. Com a globalização, a todo

momento, somos desafiados a estarmos conectados com a internet, em ambientes virtuais, utilizando-a em novas formas de trabalho, estudo, lazer e de estarmos no mesmo lugar fazendo diversas atividades ao mesmo tempo. Esse desafio prepara professores e alunos para uma nova concepção e outro modo de encarar a vida, o mundo e de pensar e ter atitudes diferentes, criando sentidos e construindo novos saberes, influenciando sistemática e automaticamente o seu modo de ser.

A inserção das novas tecnologias, no caso o *blog*, no ensino de literatura, estabelece uma nova visão para as metodologias de ensino que ora são utilizadas trazendo maior praticidade para ler contos, poemas e romances, para gerar maior interação entre professores e alunos, maior rapidez na realização de tarefas e aquisição de conhecimento, mais facilidade de acessos a livros de história e de poemas, que sempre estão disponíveis na internet.

Há que se buscar outros mecanismos de aprendizagem, para que haja sensibilidade, criação, transformação e interação. O professor realiza essa mediação entre a construção do conhecimento do aluno, instigando o pensamento crítico e social e ao mesmo tempo faz a inserção e a utilização das tecnologias. Assim, a conexão entre histórias em quadrinhos e *blog* devem ser encarados como uma nova metodologia e uma nova forma de transmissão de conhecimentos, com foco na autonomia do conhecimento de modo mais dinâmico, interativo e eficaz pois, o professor irá conduzir o aluno para o objetivo que pretende alcançar.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.
- ARAÚJO, Júlio César (org). **Internet e Ensino, novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2000.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. 1915-1980. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977** / Roland Barthes; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. – São Paulo: Cultrix, 2013.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, Agência e Escrita**. Organização de Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BEACH, R.; MARSHALL, J. **Teaching Literature in the Secondary School**. New York, Harcourt Brace & Company, 1991.
- BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. **Novo Diálogo – Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2008.
- BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris: Português / Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi**. – 1. ed. – São Paulo: Ática, 2012.
- BRAGA, Denise Bértoli. A Comunicação interativa em ambiente hipermídia; as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In:; MARCUSCHI, L; XAVIER, A. C (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRASIL. Língua Portuguesa. **Ensino Fundamental**. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **Introdução**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio: língua portuguesa, linguagens, códigos e tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa – Brasília: 1997**.
- CEREJA, Willian Roberto. **Português: linguagens, 6ª série / Willian Roberto Cereja, Thereza Analia Cochar Magalhães**. – São Paulo: Atual, 1998. – (Português linguagens).
- COELHO, Jacinto de Prado. **Como ensinar literatura**. In: Ao contrário de Penélope. Lisboa: Livraria Bertrand, 1976.
- COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. 1.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- CORACINI, Maria José R. Faria. **O livro didático nos discursos da Linguística Aplicada e da Sala de Aula**. In:; Maria José Coracini (Org). **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático**. São Paulo: Editora Pontes, 1999.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura – Uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FILIPOUSKY, A. M. R. Atividades com textos em sala de aula. In:; ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. Ed. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1988.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Editora Parábola, 2012.

KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

KLEIMAN, A. MORAES, S. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. 1999. Campinas: Mercado de Letras.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore; ELIAS, V. M. **Ler e escrever - estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In:; ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In:; ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Leitura-literatura. In:; ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005.

LE MOS, Andre; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulos, 2010.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1992.

MAGNANI, M.R.M. A Leitura Escolarizada. **Leitura. Teoria & Prática**, n. 11, 1998.

MORAES, Maria Cândida Borges de. **O paradigma educacional emergente: implicações na prática do professor e nas práticas pedagógicas**. Em: Em aberto, Brasília, 1996.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo o professor precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ONU. Declaração Universal dos Direitos das Crianças. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PASSARELLI, Lilian Ghiuro. **Os quadrinhos na educação linguística: história, teoria e prática**. In: BASTOS, Neusa Barbosa. **Língua portuguesa em caleidoscópio**. São Paulo: EDUC, 2004.

PEREIRA, João Thomás. Educação e sociedade da informação. In:; COSCARELLI, Carla Viana.; RIBEIRO, A. E. (orgs.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINHEIRO, Narjara Ferrari. **Para além da escola: o blog** como ferramenta de ensino-aprendizagem. In:; BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PORTO, Cristina; HUZAK, Iolanda; AZEVEDO, Jô. **Trabalho infantil: o difícil sonho de ser criança**. São Paulo: Ática, 2003.

SILVEIRA, Ludmilla Kauffmann Fidalgo Cardoso da. **Reflexão sobre o ensino da literatura a partir de um livro didático**. / Ludmilla Kauffmann Fidalgo Cardoso da Silveira. - João Pessoa, 2013.

SMITH, Frank. **Compreendendo a Leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Trad. Daise Batista.- Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Magda **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In:; ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling – 6.ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS): Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos. São Paulo, 2015. Disponível em:

<http://www.unisinos.br/biblioteca/images/stories/downloads/manual-biblioteca-2015.pdf>>

Acesso em: 06 jun. 2015.

VALENTE, J. A. **Tecnologias Digitais, Linguagens e Currículo: investigação, construção de conhecimento e produção de narrativas**. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar os quadrinhos na sala de aula?** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

_____. Uso das HQs no ensino. In:; RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

ZILBERMAN, R.; SILVA, T.E. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In ZILBERMAN, R.; SILVA, T.E. (Org.) **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005.